

Dante Cultural

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO

Ano VII - Número 18 - Julho de 2011

ISSN 1980-637X



Memória eterna

A Dante Cultural foi à Itália conhecer os últimos descendentes vivos dos Alighieri e esteve nas cidades mais importantes da vida do poeta que dá nome à nossa escola

Entrevista:

O senador Aloysio Nunes, ex-aluno que foi eleito em 2010 com mais de 11 milhões de votos, fala da escolha pela carreira política e dos desafios que ela lhe apresenta

Ensaio:

O fotógrafo Arthur Fujii transpõe versos da Divina Comédia para cenas do cotidiano

Gastronomia:

A chef Silvia Percussi dá receitas feitas do ingrediente favorito do poeta Dante Alighieri: o ovo





Colégio Dante Alighieri: há 100 anos construindo o futuro.



- :: Educação Infantil
- :: Ensino Fundamental I e II
- :: Ensino Médio
- :: Opção de High School a partir do 9º ano
- :: Atividades extracurriculares



Mensagem do Presidente



O Nove de Julho de 1911

Envolverido pelo manto da alegria, como ex-aluno e como presidente do Conselho e da Diretoria do Colégio Dante Alighieri de São Paulo, neste ano de 2011 que fixa o marco de seu centenário, encanta-me dizer que conheci minha escola pela primeira vez quando, emergente da mata atlântica do Parque Siqueira Campos, e seguro pela mão de mamãe (que à escola me acompanhava juntamente com meu irmão), utilizando os bondes como transporte (nosso coletivo era da Linha Avenida 3), fiquei surpreso ao ouvir o som metálico de um sino, que me fez perguntar se estávamos indo para uma igreja.

Tinha eu então seis anos, e o ano era de 1934!

O edifício, com a fachada de tijolos, e com grandes janelas nele incrustadas, permitia seu acesso por um monumental portão artístico de ferro. Superada a escada de mármore branco, com cinco degraus, chegávamos a um pequeno átrio.

Ali, tive a impressão de que ingressava num castelo.

Mamãe chamou-nos a atenção: meninos, vejam estas figuras. Assustados, vimos os dois bronzes que ainda hoje reverenciamos. Dante, de um lado, Leonardo, do outro. Um verso de Dante vimos muito tempo depois, no alto do frontispício do Colégio, já que passara despercebido por mamãe. O pensamento imperativo de Leonardo da Vinci, contudo, foi por ela logo transmitido: “La verità solo fu figliola del tempo”, que, traduzido para o português, poderíamos interpretá-lo como “A verdade é filha do tempo”, ou seja, ainda que não surja de pronto, a verdade jamais ficará sepultada eternamente.

Éramos apressados pelo porteiro e 1º sineiro Ezio Baldi, que desde 24 de junho de 1924 cuidava do sino e carimbava as cadernetas. Nervosamente, ele dizia à minha mãe: “Signora, guarda, andate in fretta”. E falando no português dele: “che i menini perdono a aula”. Ao entrarmos nas respectivas classes, vimos então carteiras com dois alunos servidas por um único tinteiro; um quadro-negro imponente, com duas faces... Estranho... Como regente, lá es-

tava a primeira mestra, Maria do Carmo Gualtieri. Ingressamos assim num novo e desconhecido universo...

Na primeira indisposição ou mal-estar, conhecemos a bedel Maria, que, no vão de uma escada, fez o seu pronto socorro: joelho ferido, azul de metileno! Com carinho, trocava até os uniformes danificados, dispondo de reservas também para os imprevistos.

Entre as escolas do Estado de São Paulo, públicas e privadas, brasileiras e estrangeiras, algumas se distinguem por suas antigas origens, na capital e no interior. A nossa, que se insere nesse grupo, nasceu com o nome de *Istituto Medio Italo-Brasiliiano Dante Alighieri*, aberto para todas as nacionalidades e religiões, e orientado para que a juventude dispusesse de educação física aprimorada, com currículo obediente a programas pedagógicos destinados a formar cidadãos dignos da esmerada educação e dos conceitos de liberdade.

Foi precisamente na sede da Sociedade Dante Alighieri de São Paulo que a Assembleia dos fundadores aprovou o Estatuto Social, que passou a reger o *Istituto* com três categorias de alunos: internos, semi-internos e externos. O dia era 9 de julho de 1911, um domingo. A reunião, presidida pelo cônsul-geral da Itália Pietro Baroli, fora convocada para as 14 horas, tarde de um dia de descanso, escolhido para dar início a um empreendimento que iria oferecer oportunidades educativas a novas gerações de cidadãos paulistas e paulistanos, bem como a cidadãos de outros Estados ou mesmo estrangeiros.

Essa data histórica de 9 de julho nos traz à recordação a Revolução Constitucionalista de 1932, cujo objetivo era restaurar a autonomia do Estado de São Paulo.

Um preito de homenagem, portanto, a todos os que contribuíram indistintamente para engrandecer, ao longo dos tempos, o Colégio Dante Alighieri, entre os quais a nossa Associação de Ex-Alunos (AEDA), fundada em 30 de agosto de 1930, que, em diversos momentos, como guardião de nossa história e do nosso patrimônio material e moral, se fez presente corrigindo distorções que tisonariam a gloriosa história do Colégio.

por José de Oliveira Messina
Presidente no Centenário do Colégio
Ex-Presidente da Associação dos Ex-Alunos
do Colégio Dante Alighieri – 1981-1986

Carta ao Leitor

Caros leitores:

Cem anos já se passaram, desde aquele 9 de julho em que próceres da colônia italiana paulista, junto com representantes do governo da Itália, se uniram para escrever o primeiro estatuto do Instituto Medio Italo-Brasileiro Dante Alighieri. A sabedoria de Crespi, o primeiro presidente, e a de seus sucessores, Prado, Noschese, Ramenzoni, Parente, Matarazzo, Ranieri, Falzoni, Formicola e Messina, o atual, acompanhados de seus colegas de administração, todos voluntários, e de competentes diretores pedagógicos, conduziu este grande Colégio ao seu primeiro centenário. Esta edição da revista *DanteCultural* foi pensada para comemorar o centésimo aniversário da Escola, ora homenageando o próprio Colégio, ora o seu patrono, o maior dos poetas italianos, Dante Alighieri.

Nossa matéria de capa é resultado da visita que a editora da revista, Marcella Chartier, fez a Florença, cidade natal de Dante, a Ravena, onde estão seus restos mortais, e a Verona, onde o poeta passou parte de sua vida. A jornalista ainda conheceu e conversou com membros das novas gerações da família Alighieri.

Algumas das seções da revista tiveram como inspiração a vida e a obra do pai da língua italiana. Assim, **Turismo** leva a um passeio por Florença. Todas as receitas apresentadas pela chef Silvia Percussi em **Gastronomia** trazem o ovo como ingrediente principal, uma vez que, diz-se, era esse o alimento predileto do poeta. Já a seção de **Literatura** analisa e sugere três edições brasileiras de *A Divina Comédia*, a mais importante obra de Dante Alighieri. Cada uma das partes desse longo poema – *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* – serviu como inspiração para Arthur Fujii, que produziu o interessante trabalho apresentado no **Ensaio Fotográfico**.

Neste século de vida, o Colégio viu passar por seus corredores milhares de alunos. A seção **Perfil** traz a história de dois deles, Danilo e Laura Betti, estudantes que iniciaram suas vidas no Dante nas décadas de 1920 e 1930, e que vêm acompanhando o Colégio desde então, pois seus filhos e netos passaram pela Escola. Outro ex-aluno destacado pela revista é um dos políticos mais importantes da atualidade, o senador paulista Aloysio Nunes Ferreira, que, na **Entrevista** deste número, conta um pouco dos seus tempos de Dante, relata passagens de sua vida e fala do momento político brasileiro atual. Mais uma ex-aluna é homenageada, no conto escrito por José de Oliveira Messina: é Germana De Angelis, professora de Arte de gerações de dantianos. Foi seu aluno o escultor Claudio Callia, que é personagem das páginas de **Arte** desta publicação, assim como o pintor Cláudio Canato, por estarem ambos criando obras em comemoração ao centenário do Colégio.

Esta *DanteCultural* traz, ainda, a segunda parte da saga escrita por Alessandro Dell’Aira, relatando a vida de um dos grandes responsáveis pela criação da Escola, Rodolfo Crespi, e também uma reportagem sobre uma série de outros centenários que acontecem em 2011.

Vamos, portanto, ler e festejar.

Viva o Dante!

**Fernando Homem de Montes
Publisher**



A revista *DanteCultural* (ISSN 1980-637X)
é uma publicação do Colégio Dante Alighieri

José de Oliveira Messina
Presidente

José Luiz Farina
Vice-presidente

Salvador Pastore Neto
Diretor-Secretário

Adriana Fontana
2ª Diretora-Secretária

João Ranieri Neto
Diretor Financeiro

Milena Montini
2ª Diretora Financeira

José Piovacari
Diretor Adjunto

Francisco Parente Júnior
Diretor Adjunto

Sérgio Famá D’Antino
Diretor Adjunto

José Perotti
Diretor Adjunto

Lauro Spaggiari
Diretor Geral Pedagógico

Índice

Notas	6
Entrevista	8
Poesia	14
Capa	18
Rodolfo Crespi	26
Literatura	30
Arte	32
Centenários	36
Perfil	40
Conto	44
Espaço aberto	46
Ensaio fotográfico	48
Gastronomia	54
Jovem chef	57
Turismo	58
Papo aberto	64
Memória	66



Expediente

Fernando Homem de Montes/Publisher - **Marcella Chartier**/Editora (jornalista responsável - MTb: 50.858)

Revisão: Luiz Eduardo Vicentin/Projeto Gráfico: Nelson Doy Jr./Diagramação e arte: Simone Alves Machado

Ilustrações: Milton Costa e Salvador Messina/Comercial: Vinicius Hijano

Colaboradores: Alessandro Dell'Aira, Arthur Fujii, Barbara Ramazzini, Edoardo Coen, Henrique Carneiro, Isabella D'Ercole, Luisa Destri, Nathalia Garcia, Rafael Bresciani, Silvana Leporace, Silvia Percussi, Tadeu Brunelli

Mande suas sugestões e críticas para dantecultural@cda.colegiodante.com.br

Tiragem: 9.000 exemplares - Colégio Dante Alighieri - Alameda Jaú, 1061. São Paulo-SP - Fone: (11) 3179-4400

www.colegiodante.com.br

Nesta edição especial da Dante Cultural, em comemoração ao 1º centenário do Colégio Dante Alighieri, a seção de Notas da revista toma, excepcionalmente, um formato diferente, trazendo depoimentos sobre a Escola, tirados das entrevistas que renomados ex-alunos deram a números anteriores da publicação.

“O Dante foi ótimo, tenho muita saudade daqueles tempos. Um ambiente onde nos ensinavam a estudar, a aprender e a valorizar o desenvolvimento intelectual.”



Carlos Henrique de Brito Cruz, físico, diretor científico da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo) e ex-reitor da Unicamp.

“O Dante não estava preocupado só com a matéria, mas em dar uma formação integral. E a gente tinha mestres maravilhosos, que nos deram, além de informações técnicas, essa convivência humana.”



Dom Eduardo Uchôa Fagundes, monge beneditino e artista plástico, reitor do Colégio e da Faculdade de São Bento.

“Grande parte do meu conhecimento, da minha formação lógica, moral e ética, e da minha disciplina na ação, na visão de mundo que tenho hoje, veio do Dante Alighieri.”



Hélio Mattar, empresário e presidente do Instituto Akatu de Consumo Consciente, ex-presidente da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente, um dos fundadores do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social.



“O Dante foi para mim uma experiência extraordinária, da qual guardo as melhores lembranças. (...) Um colégio onde realmente se aprendia, onde o ensino era levado a sério e onde eu adquiri uma série de conhecimentos que foram a base do meu desenvolvimento futuro.”

Celso Lafer, membro da Academia Brasileira de Letras, professor titular da Faculdade de Direito da USP, presidente da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo), ex-ministro das Relações Exteriores e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

“Entrei no Dante em 1947, era fabuloso. (...) Eu não era uma aluna exemplar, porque sempre fui um pouco rebelde. Se eu tinha que fazer alguma coisa, fazia mais ou menos o contrário para ver o que acontecia.”



Costanza Pascolato, empresária e crítica de moda.

“Aprendi muito, de verdade. Sei escrever bem por causa do Dante, tenho compreensão de Física, Química e Biologia devido ao Dante. Fui muito bem formado. Tinha professores que me indicavam livros que foram muito importantes na minha vida.”



Celso Loducca, publicitário e empresário.

“Lembro que era muito comportado, talvez até demais, e era muito bom aluno de História, Geografia e Desenho, não de Física. (...) Tive professores atentos e generosos.”



Ennio Candotti, físico, presidente de honra e ex-presidente da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), foi um dos organizadores do Instituto de Física do Rio de Janeiro e está à frente do projeto do Museu de Ciências Naturais do Estado Amazônico.



“Eu fugia da aula, quando estava no Ginásio, para ir para o recreio do Colegial. (...) No Ginásio, eu era péssima aluna, mas depois passei em todos os vestibulares.”

Carole Crema, empresária, chef e proprietária da La Vie en Douce.

“O Dante ainda está muito presente na minha vida porque todos os meus grandes amigos conheci aqui.”

Felipe Andreoli, jornalista e repórter do programa CQC.



“Cem anos significam um grande passado. O Colégio Dante Alighieri tem uma venerável idade, sustentada com a força e o prestígio da grande civilização italiana, que é o seu fundamento. Um patrimônio de história e de cultura que o mundo todo admira, e do qual o Colégio é intérprete, além de mantenedor apaixonado e inteligente. Mas, ao mesmo tempo, cem anos são ainda pouco. O dinamismo do Dante Alighieri é garantia de uma vitalidade sempre mais forte. O Dante é sem dúvida uma escola ativa e moderna, um ponto de referência indiscutível no sistema escolar de São Paulo. Em suma, tradição e modernidade são os ingredientes do sucesso do passado e do futuro do Colégio. E são ingredientes que falam italiano! Parabéns ao Colégio Dante Alighieri, ao caro presidente José de Oliveira Messina, a todo o pessoal da instituição e a todos os alunos que festejam com alegria e satisfação esta maravilhosa trajetória.”

Mauro Marsili
Cônsul-Geral da Itália em São Paulo

“Estou muito feliz por fazer meus cumprimentos nesta edição especial dedicada aos cem anos do Colégio Dante Alighieri. Todos nós conhecemos a importância de nossa comunidade e da contribuição dos nossos compatriotas à história e ao desenvolvimento econômico, social e cultural do Brasil. Os italianos conseguiram resultados de absoluta excelência em muitos setores: o trabalho, o talento e o exemplo de milhares de compatriotas e de seus descendentes, que constituem o centro da longa e tradicional amizade a unir os nossos dois povos. Tudo isso tem sido possível graças também à capacidade de preservar, como princípios inspiradores das ações, os valores universais da cultura italiana. O aniversário de cem anos do Colégio Dante Alighieri constitui um momento histórico para celebrar os valores em que o Colégio sempre se inspirou para promover a cultura e a língua italiana. Concluindo, deixo minhas sinceras congratulações a todos aqueles que dedicaram esforços e paixão à secular história do Colégio, tornando-o um ponto de referência imprescindível para o sentimento de orgulhosa italianidade em São Paulo.”

Gherardo La Francesca
Embaixador da Itália no Brasil



CURSO DE LÍNGUA ITALIANA

Período da manhã: das 08:00 às 9:30 horas

Período da tarde: das 14:30 às 16:00 horas

Período da noite: das 19:00 às 20:30 horas

Dias: 2ª e 4ª-feira, ou 3ª e 5ª-feira

Curso regular completo: 6 estágios (2 por ano)

2 Básicos • 2 Intermediários • 2 Avançados

1º Quadrimestre: de março a junho

2º Quadrimestre: de agosto a novembro

Valor do quadrimestre: em 4 parcelas mensais

Isenção de matrícula

Máximo de alunos por sala: 12

Qualificação: Certificado de Conclusão

ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO COLÉGIO DANTE ALIGHIERI

Al. Jaú, 1.135 - Cerqueira Cesar - Cep: 01420-001 - Telefone: (11) 3284-6011

www.aeda.com.br aeda@aeda.com.br



Divulgação

Notícias do Senado

“Se fosse tudo para ficar como está, não valia a pena fazer política”, defende o senador Aloysio Nunes Ferreira, do PSDB, um ex-aluno que ocupa um dos postos mais importantes do Brasil

Por Nathalia Garcia

Com os jornais lidos e a ginástica feita, o senador Aloysio Nunes Ferreira, do PSDB, começa o seu dia em Brasília. A partir daí, fica imerso em atividades da vida pública. Membro titular de quatro comissões – Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE); Assuntos Econômicos (CAE); Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ); Meio Ambiente, Defesa do Consumidor, Fiscalização e Controle (CMA) –, o ex-aluno do Dante participa de reuniões e audiências públicas pela manhã e vai às sessões plenárias do Senado durante a tarde. “Procuo ir à tribuna duas vezes por semana para discutir os assuntos diários e debater a questão que está sendo votada também”, relatou. No entanto, o dia dele não acaba por aí. Aos 66 anos, ele também cumpre o papel de 1º vice-líder do partido tucano, ajudando os colegas com a organização da pauta do dia.

O universo político entrou cedo na vida de Aloysio Nunes com a influência de seu pai, deputado eleito pela região de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo. Mas foi no Colégio que o seu interesse pela vida pública floresceu. Aluno do Dante entre os anos de 1957 e 1962, ele participou da efervescência política vivida pelo Brasil e encaminhou-se para o curso de Direito da Universidade de São Paulo. Com a colaboração intensa na luta contra o regime militar e a participação em organizações clandestinas, o senador precisou sair do Brasil, em 1968, e ficou exilado na França por 11 anos. Na Europa, aprimorou seus estudos e construiu uma notável carreira acadêmica.

De volta ao país, ele acumulou um vasto currículo. Já exerceu os cargos de deputado estadual e federal (pelo PMDB), ministro da Justiça, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, secretário chefe da Casa Civil do Governo do Estado de São Paulo, administrado por José Serra, entre outras funções. Mas ele garante que tantas responsabilidades não o intimidam. Em 2010, recebeu 11.189.168 votos, o equivalente a 30,42% dos votos válidos, e assumiu uma cadeira no Senado, que ocupará por oito anos.

Diferentemente da maioria dos políticos, Aloysio Nunes fica no Distrito Federal de segunda à sexta-feira, voltando para São Paulo uma vez a cada 15 dias. “Gosto de ficar em Brasília, me poupa canseira e me dá tempo de estudar os assuntos da semana, preparar os pareceres e consultar especialistas”, afirmou. Em uma de suas viagens à capital paulista, o senador encontrou um lugar em sua agenda para conversar com a Dante Cultural. Nesta entrevista, Aloysio relembra seus tempos no Colégio e a luta travada durante a ditadura, fala sobre a deficiente atuação do poder Legislativo, defende a reforma política e ainda avalia o governo de Dilma Rousseff.

Que lembranças o senhor tem dos tempos de Dante?

Olhando pra trás, recordo de anos de muita felicidade, descoberta do mundo e de mim mesmo. Foi no Colégio que fiz grandes amigos e tive os primeiros amores. O Dante me deu uma formação muito sólida para aquela fase da vida, que me permitiu escolher com mais critério o caminho que ia seguir. Tive excelentes professores e muitos se tornaram meus amigos, mesmo quando entrei na faculdade, na vida adulta. O professor mais marcante foi Dino Pretti, que dava aulas de português.

E como eram suas notas e sua disciplina?

Tinha notas boas, mas não era um nerd. Era um jovem muito festeiro, namorador. Gostava de brincar e fazia tudo o que tinha direito, contudo sempre ficava entre o primeiro e o segundo lugar da sala. Uma vez fui premiado com o livro *Guerra e Paz*, de Leon Tolstói, e o recebi das mãos do diretor Gianfederico Porta. Uma honra.

Como a formação do Dante ajudou em sua carreira?

O Dante foi fundamental para minha formação, não apenas no sentido intelectual, mas em meu



"Tinha notas boas, mas não era um nerd. Era um jovem muito festeiro, namorador. Gostava de brincar e fazia tudo o que tinha direito, contudo sempre ficava entre o primeiro e o segundo lugar da sala", lembra o senador

preparo para a vida. Naquele momento, quando comecei o ensino médio, ainda não tinha uma vocação profissional definida. O Colégio me deu uma formação ampla – literatura, línguas, exatas –, e elementos culturais que me ajudaram a fazer uma escolha mais segura. O Dante me permitiu, por meio do italiano, estabelecer um vínculo mais forte com meus avós italianos e acessar a herança cultural da minha família. Tive um contato mais profundo com eles, desenvolvi afinidade com a Itália e ligação com minha raiz.

O senhor sofreu alguma influência de seu pai para entrar na política?

Muita, do meu pai e de toda minha família, que sempre viveu muito interessada no ramo. Meu avô tinha uma vida pública ativa em São José do Rio Preto, que não era só política, mas comunitária. Meu pai se candidatou quando eu tinha 5 anos e cresci em um ambiente de eleições em casa. Para nós, política sempre foi um assunto nobre. Minha vocação foi muito influenciada pelo ambiente em que cresci, que cultivava o valor da política, e é assim ainda hoje entre meus filhos. Considero uma atividade nobre, importante de tal maneira que a vida puramente privada sofre privação da vida pública. E sempre foi assim. Sempre achei que faltava algo em minha vida se eu não tivesse no meio público e isso vem do meu pai.

Como o senhor acha que o universo acadêmico influenciou sua atuação política?

Não fui propriamente um acadêmico. Trabalhei em um instituto em Paris, mas não fiz carreira, apenas trabalhava para sobreviver. O exílio na França foi fundamental para minha preparação para voltar ao Brasil, porque participei da vida política de um lugar que tinha feito sua revolução democrática havia mais de 200 anos. O que mais me marcou foi o contato com as instituições, que possuem uma democracia exemplar, e a militância na política francesa. Fui acolhido fraternalmente.



Na gestão de José Serra, Aloysio foi secretário chefe da Casa Civil do Governo do Estado de São Paulo

Arquivo pessoal Aloysio Nunes



Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, Aloysio foi ministro da Justiça

O senhor poderia contar sua experiência durante a ditadura militar?

No fim do curso do Dante, eu já me interessava por política e havia muita discussão entre os meus amigos. No ano de 1962, o Brasil vivia uma efervescência política, uma polarização ideológica e, isso, evidentemente, interessava uma grande parte de meus companheiros de juventude.

Quando entrei na universidade, eu entrei já muito embalado e influenciado pelo clima que se vivia no Brasil na época, havia um sopro de renovação importante. Entrei na faculdade de Direito e, em 1964, quando houve o golpe militar, foi como se uma placa de chumbo tivesse caído em cima de mim. Aquela situação era intolerável. Parti para a luta à procura de quem estivesse disposto a lutar contra o regime. Mergulhei de cabeça na luta política e, quando se dissolveram os partidos, entrei em uma organização clandestina. Fui cada vez mais me empenhando, mas houve um momento em que o cerco se fechou. Já tinha terminado o curso de Direito e estava no último ano da faculdade de Filosofia. Tinha sido preso várias vezes, mas sempre por pouco tempo. Em 1968, recebi um mandado de prisão e precisei sair do Brasil. Fui condenado a três anos de cadeia e privado de meus direitos políticos. Voltei em 1979 com a anistia. Retornei e prestei concurso para a Procuradoria para seguir em frente.

Para o senhor, qual é a maior diferença entre o universo político atual e o do seu início de carreira?

O Brasil se transformou para melhor. Hoje, é uma democracia consolidada, que já enfrentou crises sérias, mudanças de padrão monetário e alternância de poder; todos os partidos já comandaram o país e amadureceram. Questões como perpetuar a democracia, respeitar a liberdade e as garantias individuais, enxergar a necessidade de combater a pobreza, já são consensos importantes entre os partidos políticos, não há mais controvérsia.

O país saiu da paralisia dos anos 80 e pode olhar para o futuro com mais otimismo. Sinto-me parte dessa construção e fico bastante realizado. Acho que meu pessoal, no sentido bem amplo, ganhou a parada. Houve avanços importantes na educação, embora a qualidade não seja lá essas coisas. Os jovens têm mais informação e oportunidades, além de participarem de outras formas de engajamento que não são necessariamente político-partidárias. Considero que há uma diferença positiva, já que eles lutam por valores mais universais – discriminação, meio ambiente – os jovens são mais plugados no universo, são mais cidadãos.

Em sua opinião, o que fez com que tenha sido o senador mais votado no país em 2010?

Primeiramente, minha candidatura estava inserida em uma corrente muito forte, em torno do PSDB paulista, e se identificou bastante com essa corrente. Fiz com que nomes emblemáticos fossem lembrados durante a campanha – Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Geraldo Alckmin, Mário Covas. Fui apoiado por um governo muito bem avaliado pela população e conduzi minha campanha de uma forma limpa. Quis esclarecer a importância do Senado e a função do senador. Pleiteei votos a partir da ideia de que eu podia ser um bom senador por causa de minha experiência no universo político. E busquei passar uma mensagem muito pessoal; não tem uma palavra que não tenha sido produzida por mim, por melhor que fosse minha equipe de marketing, liderada pelo produtor Enzo Barone, que foi meu colega de classe do Dante. Nas pesquisas qualitativas, ficava claro aos eleitores que era o Aloysio Nunes Ferreira que estava falando e não um produto de marketing.

Qual é a sua avaliação do poder Legislativo hoje?

O poder Legislativo, atualmente, está muito atrelado ao Executivo, sufocado por medidas provisórias. Vejo o Legislativo passando por

um momento de muito desprestígio e pouco cuidado com o exercício de suas prerrogativas. No Senado, a Comissão de Justiça aprovou a criação de mais um Estado brasileiro – o Tapajós –, desmembrando o Estado do Pará. Então, você cria mais um Estado, com Prefeitura, Câmara Municipal, Polícia Civil, Polícia Militar, entre outras instituições. Fui o único a votar contra. Em outro caso, mandou uma medida provisória, que foi aprovada pelos governistas, para triplicar o valor da energia que o Brasil compra de Itaipu, ou seja, triplicou o custo da energia usada no Sul e Sudeste sem nenhuma justificativa. E isso é aprovado sem maiores discussões. Não há muito espaço para argumentação. O Parlamento é debate, e eu não sinto isso.

Para o senhor, qual é a missão do Senado neste ano?

O Senado tem que lutar, tem que se contrapor. É a casa onde estão concentradas as grandes questões da legislação, como o financiamento. O Senado deve atuar como contrapeso do poder Executivo. É sua responsabilidade aprovar as indicações do Executivo para as agências reguladoras, e ele tem a função importante de fazer o contraponto à vontade avassaladora do Executivo. Eu diria que hoje nossa missão é atuar como fator de equilíbrio institucional.

O senhor é a favor da reforma política?

Eu sou a favor da reforma, mas discordo de alguns aspectos. Por exemplo, sou contra o voto na lista partidária porque o fato de votar no partido político sem escolher o candidato aumenta a nossa distância com o eleitor. Esse voto em lista despersonaliza a política. No entanto, há uma corrente forte para essa mudança. Sou a favor de coisas mais simples. Estou buscando a adoção do voto distrital para eleição de vereadores nas cidades com mais de 200 mil eleitores. Hoje, em São Paulo, não sei quem é o vereador do meu bairro. Os vereadores precisam buscar votos em Santana, Vila Brasilândia, Lapa, São Miguel para se elegerem por causa da grande concentração

de pessoas. Vereador de todos não é vereador de ninguém. Com essa mudança, nos 55 distritos, seriam 55 cadeiras em um colégio eleitoral de 140 mil pessoas. Então, você terá o vereador do bairro. No debate político, as questões locais e as soluções para elas iriam ocupar o centro das atenções. Assim, você teria um vereador de vizinhança. É importante frisar que 35% da população mora em cidades que têm mais de 200 mil eleitores. Essa mudança trará legitimidade. Já apresentei a proposta e isso me entusiasma.

Como o senhor avalia o governo de Dilma Rousseff até o momento?

Não gosto muito não, para falar a verdade. Eu acho que ela não está enfrentando os grandes

problemas nesses poucos meses. Ela é uma pessoa que tem muitas qualidades e não estaria no poder se não as tivesse, mesmo como sucessora de Lula. Entretanto, acho que ela está desperdiçando o carisma e o tempo está passando, e nenhum grande problema está sendo resolvido, como o previdenciário. Só agora as questões de infraestrutura, iniciativa para educação e segurança pública entraram em discussão. Seu governo faz a administração miúda do dia a dia, sem enfrentar questões

fundamentais, e vai perdendo força, desperdiçando capital político.

O senhor faz previsões de quando deixará a política e o que pretende fazer quando isso acontecer?

Quando terminar esse mandato de senador, terei 73 anos e talvez seja a hora de parar. Considero que vivo o ponto mais alto da minha carreira, embora tenha exercido outros cargos, como no Executivo. Fico aflito quando vejo que a minha geração se perpetua no poder: ela já cumpriu o seu papel, devemos abrir caminho para a gente mais nova. É claro que é muito difícil conceber minha vida sem a política e acho que nunca vou conseguir ficar longe da vida pública, mas não vou mais exercer mais mandato eletivo.

Cadu Gomes



Aloysio recebeu 11.189.168 votos em 2010, o equivalente a 30,42% dos votos válidos, e assumiu uma cadeira no Senado que ocupará por oito anos

O grande sucesso está de volta



Férias Família DANTE e amigos

Um cruzeiro a bordo do navio Splendour of the Seas rumo a Buenos Aires.

A comemoração dos 100 anos foi inesquecível! Mas o tempo foi curto e alguns não puderam participar, sendo assim marcamos esta segunda edição da viagem. Será uma semana de integração, reencontro, lazer, férias para você, sua família e seus amigos em um dos navios mais premiados da costa brasileira! Faça já sua reserva.



Roteiro de 22 à 29 Janeiro 2012

DATA	DIA	ESCALA
22/jan	Domingo	Santos
23/jan	Segunda	Navegação
24/jan	Terça	Punta del Este
25/jan	Quarta	Buenos Aires
26/jan	Quinta	Buenos Aires
27/jan	Sexta	Montevideu
28/jan	Sábado	Navegação
29/jan	Domingo	Santos

Preços válidos até 31 Agosto

Cabine Interna

A partir de R\$ 1.480 ou

10x de **R\$ 148**

Cabine Externa

A partir de R\$ 1.900 ou

10x de **R\$ 190**

Cabine com Varanda

A partir de R\$ 3.060 ou

10x de **R\$ 306**

www.agaxtur.com.br/dante
dante@agaxtur.com.br

SP Av. Europa, 884 | 11 3067-0900

TURISMO
AGAXTUR

Por José de Oliveira Messina

Presidente do Colégio Dante Alighieri - ex-aluno 1934/1946

Ilustração: Salvador

VELHO CARTÃO-POSTAL

Rosas, camélias, jasmims no portal!
Avenida Paulista no vitral.
Cidade-capital cartão-postal!

São Paulo na evocação
Artéria do coração
Eterna comunicação.

Estilos diversos de mansões
Famílias tradicionais nos casarões.
Nos costumes de então
Musicais e poéticos serões...

Tílburis, caleches,
Carroças, até charretes,
Tropel da burricada retirante
Na direção do Jabaquara, dominante,
No entardecer se ouvia estrepitante...

Na década de trinta a conheci,
Pista única, duas mãos, dois pares de trilhos,
Bondes balanceando, raros automóveis rodando.
Fronosas e floridas árvores cresciam...
Na primavera, ipês de ouro pintavam o azul,
Coloriam no outono arroxeadas calçadas.

Trianon, no meio do percurso,
Majestoso e romântico belvedere...
Vasos perfumados enfeitavam artísticos balaústres,
Elegantes pergolados e quiosques, paraíso dos apaixonados...
Pôr do sol deslumbrante trazia a lua aos amantes!

Lembrando o valente Siqueira Campos Tenente,
Parque da Mata Atlântica sobrevivente,
De rica flora e fauna extasiante,
Também do altivo jatobá, amigo confiante!

Selva acolhedora de animais selvagens e domésticos:
Tamanduás, esquilos, preguiças, saguis, insetos de toda sorte
Casulos do bicho-da-seda enfeitando amoreiras...
Pés de café rubi então visitados pelo sol.

À noite vaga-lumes embaralhando a esvoaçante coruja
Deixavam ver o rasto do notívago tatu...
São Paulo na oração, Avenida respirando tradição!



NOVO CARTÃO-POSTAL

Será novo o velho cartão-postal?
Três ou quatro casarões inanimados,
Dimensões reduzidas, sem perfume, confinados,
Recordam o passado pelo progresso sacrificado!

Como gigantes de concreto, sobrestantes,
Edifícios frios, esqueléticos e desconformes...
Torres (não de marfim), heliportos, aeronavegantes,
Mirantes mirabolantes, cintilantes, assustam migrantes!

Largo espaço para o tráfego abundante...
Automóveis, coletivos, na superfície desconfortante.
Condução esfumaçante, predominante... tudo poluente!
Transeunte paciente, vítima do pesado ambiente,
Ouve sereias e sapos coaxantes, desafinados clarinetes,
Sons estridentes emanam de bocas sem dentes.

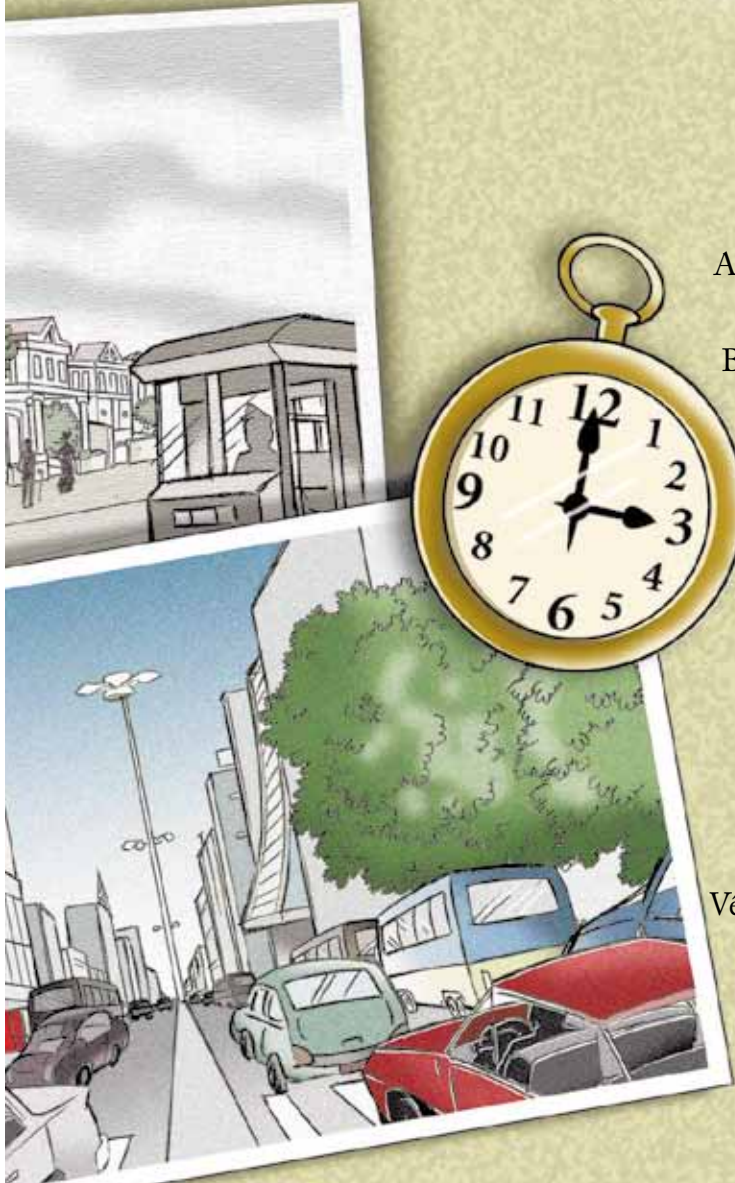
Altos pontaletes negros indicam as ruas nos cruzamentos...
Pedintes nas esquinas, de tocaia, famintos familiares.
Nas travessas, variado e florescente comércio.
Bancos, sindicatos, partidos políticos, em greve ou eleição,
Representados por inflamados oradores em peroração,
Pensam cumprir elevada e precípua missão!

Meio-dia! Faz-se ouvir a Gazeta aflita...
Homem: não esmoreça, é hora do almoço.
A tarde se aproxima, filosofe, reflita...
O pior é desencadear-se o perigoso alvoroço!
Digitais e que tais movem luminosas engenhocas:
Hora, temperatura, qualidade do ar...
Serão fiéis à mãe natureza, informações outras?

Do cenário toma conta vagarosamente a noitinha...
Do alto, presenciemos a fúria no movimento.
Dos marcos de ontem, sobressai apenas um:
Como generoso pai, na espreita, vê o Anhanguera
Multicores barracas, marreteiros, artesanato, frituras...
Vê-se, também, além do jornaleiro, o baleiro, o sorveteiro...
São todos bandeirantes que desejam conviver, vencer!

Querida Avenida Paulista do segundo milênio:
Jamais deixarás de ser viva e animada.
Tens o Masp, arte em projeção.
O Siqueira Campos, nativa floresta.
O Dante Alighieri, Colégio gigante.
Tudo no perfume da Casa das Rosas,
Refúgio de artistas, poetas e escritores!

Afirmo: és o novo cartão-postal!



Amor Fatal

Ilustração: Milton Costa

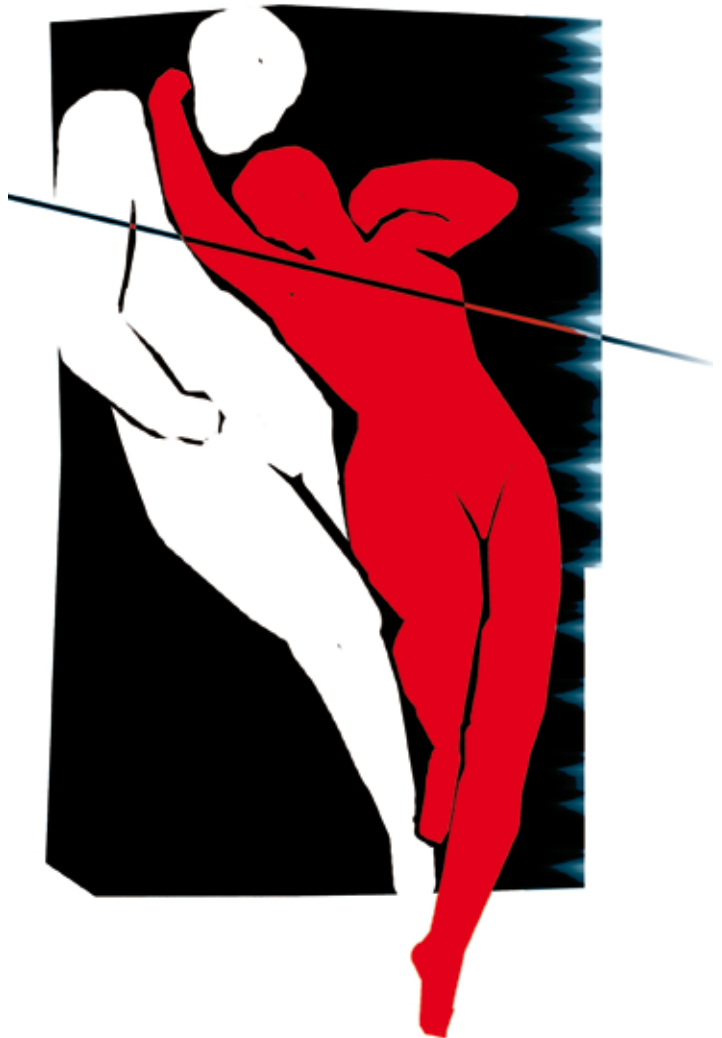
Inferno – Canto V – A Divina Comédia:

Dante pergunta a Francesca como nasceu seu amor proibido por Paulo

115 – *E a ambos me dirigindo, eu disse, atento:
“Francesca, a triste história que narraste,
move-me ao pranto e a grande sofrimento.*

118 – *Revela-me a razão por que passaste
do puro anelo e do inocente amor
à culpa amarga que tão cedo expiaste.”*

Amor nascido de um leve sentimento
de vazio,
de vaga tristeza pela ausência de alguém
sempre presente,
amor alimentado por lânguidos olhares
trocados por acaso
e por bocas trementes unidas
sem querer.
Amor repudiado como prova
de luxúria,
mas levado pelo vento e aquecido nos volteios
dos negros torvelinhos
do Inferno.
Amor renovado nas palavras proibidas
de dizer
e na eterna desesperança
de salvação,
amor fatal, unindo os amantes sem remorsos
por toda a eternidade.



Giselda Penteado Di Guglielmo

Paulista de Rio Claro

“A poesia entrou em minha vida como quem não quer nada, sorrateiramente, mas veio para ficar. Fui vivendo, amando, tendo filhos e netos, fui ficando mais sábia, e de uma coisa tenho certeza: a poesia, para mim, existe.”



Endereços:

Itaim - rua Horacio Lafer, 533 - Fone: 3078-5775

V. Olímpia - rua Ramos Batista, 431 - Fone: 3849-4444

Shopping Iguatemi - Fone: 3814-3898

Shopping Market Place - Fone: 5543-9483

Delivery: 3078-0028

www.spaziogastronomico.com.br



O triângulo dantesco

Viajamos pelas três cidades italianas nas quais Dante Alighieri passou a maior parte de sua vida, dando a elas o motivo de conservar uma memória eterna

Por Marcella Chartier

Florença, Verona, Ravena: são essas as três cidades italianas mais importantes na trajetória do poeta e pai da língua italiana, Dante Alighieri. Na primeira, ele nasceu – e dali foi exilado aos 37 anos, em 1302. A segunda lhe deu abrigo de 1312 a 1318; a terceira, por sua vez, o recebeu já no final de sua vida, e até hoje guarda seu túmulo. Afora essas certezas, restam poucas. Boa parte dos registros de seu caminho tortuoso durante o exílio é incerta.

Uma mera visita às três cidades de maior importância em sua vida não tornaria mais palpável a visão dessa trajetória. Mas a forma como Verona, Ravena e Florença (nessa ordem) me foram apresentadas, permitiu que eu pudesse sentir a presença de Dante Alighieri intensamente. Além dos bons efeitos das buscas que fiz para encontrar informações e pessoas que pudessem ser personagens desta reportagem, imagino que parte dessa sensação tenha se consolidado também por motivos pessoais,

ligados ao fato de que, como ex-aluna do Colégio, sempre associei a imagem e o nome do poeta a uma aura de mestre. Por mais que ele tenha sido de fato um mestre, e que tenha sido reconhecido como tal muito além dos limites do quarteirão das Alamedas Jaú, Itu, Peixoto Gomide e Casa Branca, certamente crescer nesse ambiente enfatizou sua importância em minha percepção, desde a pré-escola, quando eu tentava explicar a amigos, com o

que podia, quem era o homem que dava nome à minha escola.

No centro da Piazza Erbe, hoje um dos pontos mais visitados por turistas em Verona, foi feita a primeira leitura d'A Divina Comédia, por Pietro Alighieri, filho do poeta



Marcella Chartier

Penso que muitos dos leitores deste texto são alunos, ex-alunos, professores ou quaisquer outros que possam ter uma relação semelhante com o nome de Dante. Por isso, resolvi redigi-lo em primeira pessoa, quase como um diário de viagem, tornando esta reportagem da edição especial do centenário também um relato pessoal. Acredito que, dessa forma, será mais fácil aproximar os leitores do que vi e vivi.

Verona, 26 e 27 de junho de 2011

Os portões do século XV, hoje em forma de arco, delimitam o



A casa onde viveram os Alighieri em Verona, que hoje é propriedade particular e não é protegida de nenhuma forma pela Prefeitura. Acima, detalhe do brasão da família

espaço do centro histórico da cidade. Dali para fora, Verona é facilmente identificada tal como se pode ler em um guia de viagens: a segunda maior cidade do norte italiano, com cerca de 265 mil habitantes e um centro comercial de atividade intensa. Dali para dentro, a Piazza Bra, com a estátua de Vittorio Emanuele II, responsável pela unificação italiana, iniciada em 1861, recebe os turistas e serve como antessala da Arena de Verona, construção da primeira metade do século I, e que hoje é palco de óperas como “Aida”, de Giuseppe Verdi.

Nesse ponto, fui recebida, em meu primeiro dia em Verona, por filas de crianças de pele muito clara e cabelos loiros, que formavam uma marcha. Algumas delas usavam óculos coloridos e seguravam um instrumento musical. A banda, composta essencialmente de metais, convidava as pessoas – na maioria, turistas – a segui-la. Foi o que fiz.

Depois de passar por entre as ruas cheias de lojas de grife e por pontos onde se podiam reconhecer vestígios de civilizações de outros tempos, chegamos a uma nova praça. Ali, pude descobrir que tratava-se de um festival de música norueguesa. E me deparei, de imediato, com a estátua de Dante Alighieri. Era a Piazza della Signoria ou, como muitos preferem, e como apresentou a cicerone da festa, a Piazza di Dante.

Foi não muito longe dali, na Piazza Erbe, que Pietro Alighieri, primeiro filho de Dante, fez a primeira leitura pública d’*A Divina Comédia*, em 1340. Mais de 600 anos depois, no dia 27 de junho de 2011, uma versão da obra era apresentada na Arena de Verona, por um grupo jovem de teatro. Apesar de se definir o espetáculo como ópera e conter características do gênero, tratava-se mais de um musical ousado – com os erros e acertos que podem se incluir nessas iniciativas. Um balé moderno acompanhava Dante em sua viagem além-túmulo, e as representações do Inferno, do Purgatório e do Paraíso traziam alguns dos principais personagens históricos retratados pelo poeta em sua obra-prima.

Dante em Verona

Entre tantos dados incertos acerca da vida do poeta maior da língua italiana, Verona mantém algumas certezas que, como garantem todas as fontes ali entrevistadas para esta reportagem, são provadas por documentos históricos – tentei acessá-los, na biblioteca da cidade, mas eles só podem ser consultados com hora marcada com bastante antecedência, e não durante o verão, já que o calor pode prejudicar sua conservação.

“As estadias de Dante em Verona foram duas: a primeira, entre 1303 e 1304, durando apenas alguns meses, foi logo no início do exílio. A segunda durou 6 anos, de 1312 a 1318, e corresponde à fase em que o poeta tinha a proteção do líder Cangrande I”, afirma Monica Frigo em

bom português: ela é a única guia turística da cidade que realiza um tour especialmente dedicado a Dante, feliz descoberta que fiz na segunda manhã em Verona. “Dante ainda esteve mais uma vez por aqui, durante um dia, em janeiro de 1320. Ele veio para apresentar um estudo em um encontro de intelectuais, na igreja de Santa Elena. O estudo dizia respeito a uma das questões investigadas na época, envolvendo filosofia e teologia: se no mundo havia, àquela altura, algum ponto na superfície terrestre onde o nível da água era maior que o das terras emersas. Segundo Dante, não existia.”

Quando foi exilado de Florença, Dante já era casado com Gemma Donati e tinha oito filhos: cinco mulheres e três homens. Estava longe de ter sua obra reconhecida tal como é hoje (o que aconteceu apenas no século XIX), apesar de já ter iniciado a composição de alguns cantos do “Inferno” de sua *A Divina Comédia*. Havia, naquele contexto, duas facções políticas florentinas: os gibelinos e os guelfos. Em um cenário de constantes conflitos, as diferenças entre os dois são cheias de incoerências. É possível, porém, identificar os gibelinos, *grosso modo*, como apoiadores do Império, e os guelfos como partidários do Papa. Os guelfos, por sua vez, também se dividiam entre Brancos e Negros, de acordo com suas origens – os primeiros eram da burguesia ascendente, e os últimos, da nobreza decadente. Dante era guelfo branco e foi exilado em um momento em que a cidade era liderada pelos adversários. “Como a família de sua esposa era da facção dos Negros, ficou. Apenas os filhos homens precisaram deixar a cidade com o pai. E todos logo vieram viver em Verona”, explica Monica, mostrando a casa onde moraram, que não deixa dúvidas por ostentar o brasão dos Alighieri, com duas asas. A casa, reconstruída no século XVIII, ainda possui a estrutura original, apesar de algumas mudanças correspondentes ao período neoclássico.

Dante perambulou por várias cidades italianas (e, de acordo com o que supõem algumas fontes, também por Paris) até ser recebido com proteção política em Verona. O príncipe Cangrande, da família Scala, que detinha o poder na cidade, tornou-se um grande amigo do poeta.

Além dos documentos históricos comprovando passagens da vida de Dante, Verona tem ainda mais: a presença da família Alighieri. Os atuais descendentes do poeta vivem em Gargagnago di Valpolicella, a cerca de 30 minutos do centro histórico. E sim, eles produzem vinho.

Família Serego Alighieri: os descendentes do poeta

A família di Serego Alighieri ocupa um território comprado há mais de 600 anos pelo primeiro



Marcella Chartier

A estátua de Dante Alighieri em Verona fica na Piazza della Signoria – hoje chamada informalmente de Piazza di Dante

filho de Dante, Pietro. O nome “di Serego” tem origens tão antigas quanto as do poeta. E analisando a árvore genealógica das duas famílias, me surpreendi: o encontro dos di Serego com os Alighieri deu-se entre uma mulher que carregava o sobrenome de Dante e um homem “di Serego”. Monica Frigo, a guia turística especializada, explica: “No início do século XVI, um cônego chamado Francesco era o último homem que poderia dar sequência a gerações de Alighieri. Conseguiu autorização da Igreja para se casar e ter filhos, mas nasceram apenas mulheres. Uma delas, Ginevra, foi quem casou-se com Marcantonio di Serego, sob a condição de que o nome

Alighieri, nos filhos do casal, viesse por último. E assim foi.”

Quando cheguei para a visita, Massimilla e seu pai, Pieralvise, me receberam. Orgulhosos da história de sua família, mostraram um documento, exposto na sala da casa, que comprova a aquisição de parte do terreno por Pietro Alighieri, no dia 23 de abril de 1353.

O território da família foi sendo ampliado ao longo dos séculos, mas o cultivo de uvas sempre foi feito. A produção do vinho em garrafas se deu, porém, a partir do século XVIII. “Temos uma garrafa aqui de 1762”, conta Pieralvise, que administra de perto a vinícola. Ao contrário de muitos proprietários de vinícolas italianas, que moram no centro das cidades mais próximas de suas terras, os di Serego Alighieri vivem em Gargagnago di Valpolicella. Massimilla, de 30 anos, e Marianna, sua irmã, de 26, saíram dali para estudar, mas voltaram logo em seguida. “A ligação que nossa família tem com essa terra é muito forte. Temos muito cuidado com o patrimônio, do qual temos muito orgulho”, conta Pieralvise, referindo-se, inclusive, a duas construções, uma do século XVII e outra do século XVIII, que permanecem em seus domínios com as características originais.

Mas infelizmente, em uma cidade na qual os vestígios do Império Romano estão por toda parte, parece que os que se associam à vida de Dante não são considerados com o devido valor. A casa onde viveram os Alighieri na chegada a Verona, por exemplo, é hoje um prédio particular, assim como a que pertenceu a Pietro, posteriormente. Não há nenhum tipo de proteção às construções, nem mesmo uma placa indicando a importância delas.

Na direção contrária a esse pensamento, os di Serego Alighieri vêm articulando um plano para montar um roteiro turístico especial dedicado ao poeta. O “triângulo dantesco” abrangeria visitas a Verona, Ravena e Florença, passando por pontos importantes da trajetória de Dante e dando a eles a valorização que merecem. Pieralvise mantém, por conta disso, um contato constante com representantes de instituições culturais das outras duas ci-

dades, o que acabou contribuindo bastante com meu trabalho. Foi dele a indicação do tour especializado em Verona, do qual infelizmente uma funcionária do centro de informações turísticas da cidade não soube me dizer nada – apenas me entregar um *folder* explicativo.

Massimilla também está envolvida na elaboração do projeto. Ela, que trabalha na promoção e divulgação da vinícola na Itália e fora dela, participou da elaboração do tour, selecionando os pontos que deveriam ser contemplados na visita. Além disso, ela é atriz de formação e trabalha com teatro. Já Marianna trabalha em uma grande rede de lojas italiana. “Está aprendendo em uma grande companhia, para depois trazer sua experiência à vinícola”, diz Pieralvise, que tem a preocupação de manter a família ali. “É impossível prever o futuro. Mas queremos, sim, que a vontade de permanecer aqui sempre prevaleça em relação a outros desejos. Tem sido assim por 21 gerações, então se imagina que continuará sendo assim.”

Ravena, 28 de junho e 4 de julho de 2011

Chegar a Ravena já com recomendações de um Alighieri facilitou bastante o trabalho. Ainda mais porque, no roteiro, tratava-se de uma parada de um dia – eu regressaria no final da tarde a Verona. Procurei pelo Centro de Relações Culturais da cidade, como havia me orientado Massimilla, e encontrei, no segundo andar um pouco escuro de um edifício com outros escritórios, um senhor de óculos ao telefone, em meio a estantes de livros e diante de uma mesa também cheia deles. Aguardei que desligasse, pois certamente se tratava do senhor Walter Della Monica, diretor daquela instituição.

Luisa Destri



Parte da propriedade dos di Serego Alighieri, em Gargagnago di Valpolicella, Verona. A primeira garrafa de vinho produzida ali data de pelo menos 1762



“A ligação que nossa família tem com esta terra é muito forte. Temos muito cuidado com o patrimônio, do qual temos muito orgulho”, afirma Pieralvise di Serego Alighieri, da penúltima geração que carrega o sobrenome do poeta

Eu olhava de longe os livros e a mesa com *folders* (muitos) turísticos sobre a vida cultural de Ravena. Mal houve tempo entre o barulho do telefone sendo desligado e o grito do senhor Della Monica, que me apontava: “La giornalista!”. Respondi, com o mesmo entusiasmo: “Signore Della Monica!” Foi o primeiro abraço que recebi desde que chegara à Itália, correspondido com alegria. Notei, de imediato, que se tratava de um apaixonado pela obra de Dante e pela história de sua trajetória. Comecei a explicar a ele o que fazia ali e, a cada detalhe, ele parecia ficar ainda mais feliz. Mas o auge se deu quando contei que o colégio em São Paulo que leva o nome do poeta tem mais de 4 mil alunos e que todos usam, como uniforme, uma camiseta com o nome “Dante”. E foi a partir desse ponto que ele começou a explicar a Francesca Masi, com quem trabalha no Centro e que chegava naquele momento, o que eu fazia ali.

Comecei a conhecer o bonito trabalho que Della Monica realiza em Ravena desde 1995. Alguns dos livros sobre a mesa eram edições

d’*A Divina Comédia* em línguas estrangeiras. Della Monica me contou, então, sobre o “Setembro Dantesco”, parte do projeto “A Divina Comédia no mundo”: todo ano, neste mês, são realizadas leituras da obra-prima do poeta em várias línguas, às quais comparecem tradutores e estudiosos dos países correspondentes. Até hoje, já foram quase 40 os idiomas pronunciados na Basílica de San Francesco, atrás da tumba onde estão os restos mortais do poeta.

Francesca me levou, então, a uma volta pela cidade, passando pelos pontos mais importantes para as razões de minha visita. Ravena é bem menor que Verona, com cerca de 160 mil habitantes e muito mais bicicletas do que automóveis. Recebe, ainda, muitos turistas. Mas, ao contrário do que aconteceu no primeiro destino desta viagem, é possível passar alguns minutos sem encontrar nenhum.

Saindo da Piazza Garibaldi, onde está o Teatro Alighieri, e tomando a direção do túmulo de Dante, que já é visível, alguma coisa muda. O ritmo acelerado do passeio, já que a visita seria



O mausoléu de Dante, em Ravena, recebe cerca de 50 mil turistas por ano. No jardim ao lado está o espaço que foi usado como túmulo do poeta durante a Primeira Guerra Mundial, protegido de bombardeios



Della Monica e Francesca, os responsáveis pelo belo trabalho que o Centro de Relações Culturais de Ravena faz a respeito da obra e da trajetória de Dante

breve, continua em nossos passos apressados. Mas as perguntas que eu ainda queria fazer a Francesca rapidamente, aproveitando o pouco tempo de que dispunha ali, pareceram desaparecer. Senti uma paz certa me invadir e só pude ficar em silêncio. Francesca também não falava nada. Quando paramos diante da tumba, disse a ela que me sentia muito bem naquele momento (não conseguia explicar nada muito além disso – o idioma italiano, aparentemente, também fugira). Ela sorriu, como que sabendo que aquela sensação era prevista, e me disse: “Aqui é, de fato, um lugar muito especial.” Todo ano, cerca de 50 mil pessoas visitam o local, cercado por construções medievais restauradas e em bom estado.

No mausoléu, de proporções e adornos discretos para guardar os restos mortais de um poeta que era admirador de São Francisco e da humildade da ordem dedicada a ele na Igreja Católica, um pequeno candeeiro ilumina delicadamente o espaço. Todo ano, ele é alimentado por um óleo trazido de Florença, uma bonita forma de a cidade onde Dante nasceu homenageá-lo, a despeito do passado conturbado. Depois do exílio, o poeta foi ameaçado: seria queimado vivo se tentasse regressar a Florença. Anos depois, seu retorno era permitido, desde que ocorresse o pagamento de uma alta taxa e uma retratação humilhante. Dante não aceitou e permaneceu exilado. Ravena foi a cidade que o recebeu já no final de sua vida, em 1318, e a mudança de Verona para lá se deu por conta de trabalhos diplomáticos que o poeta realizava.

Quase 200 anos após sua morte (que ocorreu em 1321 em decorrência de malária), Florença tentou reaver os ossos do poeta, a pedido do papa

Leão X. Um enviado foi até Ravena e abriu o túmulo, mas encontrou apenas folhas secas. Por mais de três séculos, os restos mortais permaneceram desaparecidos. Sabendo que os florentinos reivindicariam os restos mortais daquele que exilou, Ravena quis protegê-los, e por isso frades franciscanos os esconderam entre paredes da própria tumba. E não foi a única vez que isso foi feito: durante a Primeira Guerra Mundial, eles foram deslocados para bem abaixo da terra, ali ao lado, onde hoje há um jardim. Dessa forma, estavam a salvo dos bombardeios.

O guardião do túmulo do poeta é o frei Ivo, da Basílica de San Francesco, ali ao lado. Todos os dias, às 17h15, os sinos soam em homenagem ao poeta. E o espaço onde, acredita-se, foi escrita parte do “Paraíso”, por ter sido um centro de estudos e claustro religioso, está se tornando um museu dedicado ao poeta, com previsão de abertura ao público no “Setembro Dantesco” deste ano.

O envolvimento de todos os que conheci na cidade com a vida e a obra de Dante Alighieri superou minhas expectativas – e não teve paralelos em Verona e Florença. Talvez, também, por se tratarem de pessoas propriamente interessadas em literatura – Francesca é doutora em filologia e Della Monica é um jornalista cultural apaixonado pelas palavras – ou, como no caso do frei Ivo, por ter uma missão tão grandiosa em mãos.

Por conta disso, é compreensível que a visão deles acerca da importância da obra dantiana seja tão consciente.

“O sentimento de nacionalidade da Itália é algo que deriva de uma cultura comum que nasce com Dante, que definiu nosso idioma na língua



Della Monica promove, desde 1995, leituras d'A Divina Comédia em diversas línguas. Quase 40 já foram contempladas

fiorentina chamada ‘vulgar’, popular. Não só a língua, mas os conceitos substancialmente ligados a ela, carregados por expressões que não existem em outros idiomas, como é comum em qualquer um. Portanto, para entender nosso pensamento, nossa cultura, o que nos une, é necessário ver a língua da qual nascemos e da qual vem esse sentimento e nacionalidade, de união”, afirma Francesca. “Essa união pode ser também da Europa como um todo, porque é o continente onde Dante nasceu, e a sua *A Divina Comédia* reúne tudo o que de mais valioso existe na cultura ocidental fundada por mestres pensadores daqui. Por isso, voltar as atenções a Dante significa entender por que estamos juntos aqui. E levar as pessoas a amar sua obra significa levá-las a amar a própria identidade.”

Fui embora com a certeza de que eu voltaria. Se não pelo trabalho (precisava ver o Teatro Alighieri, e a melhor forma, segundo Francesca, era assistindo a uma bela ópera sul-africana que se apresentava na cidade, além de dedicar mais tempo aos lugares por que passou Dante), certamente por vontade própria. Ravena é uma cidade encantadora e, apesar da beleza inegável dos outros destinos, tornou-se minha favorita.

Florença, 1º de julho de 2011

Não foi apenas pela tranquilidade, pela intensa vida cultural, pela beleza singela de Ravena que me encantei. Sei que, a essa altura, eu já tomava as dores do poeta: até esse ponto da viagem, ela me pareceu a cidade mais dedicada à memória de Dante, o que se personificou nas figuras de Della Monica e de Francesca.

Florença, ainda antes de minha partida, no Brasil, era a cidade que me dei-



No museu Casa di Dante, a lojinha tem souvenirs com o rosto do poeta, representado até em pop art

xava com mais expectativas, tanto por ter sido o berço do poeta quanto pela sua riqueza cultural (como mostra o texto da seção Turismo, na página 58). Mas depois do que colhi em Verona e em Ravena, passei a suspeitar que ali não encontraria tanto.

Além da estátua do poeta em frente à Igreja de Santa Croce, na qual há um túmulo simbólico vazio em homenagem a Dante, existem várias homenagens ao poeta. O juízo final d'*A Divina Comédia* é retratado em afrescos de Nando di Cione na Igreja Santa Maria Novella; a Igreja Santa Maria del Fiore, o z florentino, também contém um afresco que homenageia o poeta, de autoria de Domenico di Michelino. A famosa Casa di Dante, onde se acredita que o poeta tenha

vivido, só não foi uma decepção porque Massimilla di Serego Alighieri já havia me alertado: não há nada além de textos contando a trajetória de Dante expostos, um filme, alguns objetos representando os da época em que viveu o poeta e uma loja de *souvenirs*.

No último dia de trabalho, porém, tive um encontro que me deixou mais animada. Fui à Società Dantesca, fundada em 1888 no Pallagio Dell'Arte della

Lana, conversar com a secretária da Presidência, Paola Laurella. “Promovemos leituras da obra de Dante para especialistas e leigos, e atraímos uma grande quantidade de jovens nesses eventos”, afirma. “Algumas delas têm eixos temáticos que servem como fios condutores, como ‘amor’, ‘exílio’.”

O prédio abriga uma biblioteca especial dedicada à obra do poeta, aberta para uso acadêmico. Fora estu-



Marcella Chartier

“Promovemos leituras da obra de Dante para especialistas e leigos, e atraímos uma grande quantidade de jovens nesses eventos”, afirma Paola Laurella, secretária da Presidência da Società Dantesca de Florença



O nome de Dante está por toda parte nas três cidades, batizando estabelecimentos comerciais e ruas; nas fotos ao lado, a via Alighieri de Verona e a de Florença

dantes, professores e especialistas, qualquer um pode consultá-la, associando-se e pagando uma quantia de 10 euros por ano. Existem mais de 1.800 documentos manuscritos vindos do mundo todo, todos relacionados a estudos dantescos. A sociedade é mantida basicamente com o dinheiro do aluguel de duas lojas que ficam no térreo do prédio, e administrada por um grupo de conselheiros e diretores voluntários com cargos honoríficos.

O professor Alessandro Gentili, diretor da James Madison University, ph.D. na obra de Dante, coordena um programa de estudos em inglês sobre a produção literária do poeta, dirigido a estudantes estadunidenses. Mediador de várias edições do “Setembro Dantesco” de Ravena, Gentili é entusiasta do evento. “Ravena faz muito mais por Dante do que Florença. Mas, apesar de o trabalho de lá ser mérito do esforço senhor Della Monica, trata-se de uma cidade bem menor e bem mais rica do que Florença. Isso facilita o trabalho”. Ainda assim, ele atenta para o fato de que o “Setembro Dantesco” não se trata de um evento para multidões. “Não são

tantos os verdadeiramente interessados em ouvir e discutir a obra.” E arrisca ainda uma hipótese interessante sobre o entusiasmo de Ravena por Dante, algo que parece envolver uma culpa e um ranço de tudo o que aconteceu no passado: “Até hoje Florença ainda parece ter uma relação dúbia com Dante Alighieri.”

Marcella Chartier



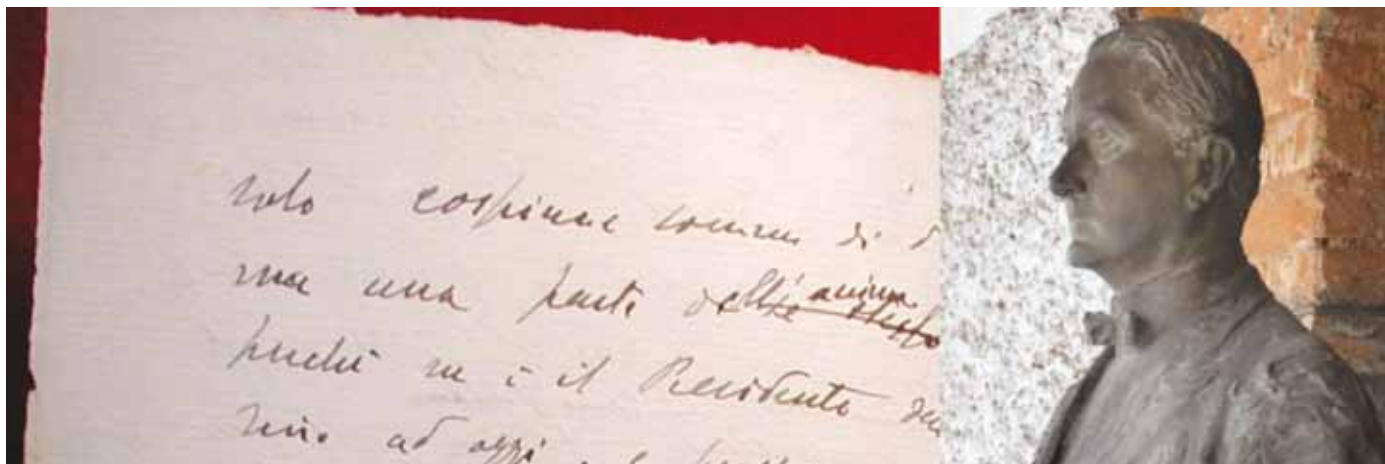
A estátua de Dante em frente à igreja de Santa Croce, onde há um túmulo vazio, construído como um homenagem florentina

De qualquer forma, desta viagem, ficou para mim a certeza de que Dante está vivo na memória italiana. Ao menos em Florença, Verona e Ravena, isso é evidente para quem procura informações sobre o poeta. Certamente, ele mereceria mais. Do lado de cá do Atlântico, ao menos os imigrantes que fundaram nossa escola valorizaram bastante essa memória, ao batizar um centro de aprendizado com o nome de um dos mais sábios homens italianos. E o Colégio completa cem anos no mesmo 2011 em que se comemoram os 150 do início do processo que culminou em um feito tão desejado pelo poeta: a extinção das fronteiras italianas, formando um país de uma só língua. A língua de Dante.

Uma parte da alma

Vida de Crespi e do Istituto Medio

Texto: Alessandro Dell'Aira Fotos: Alessandro Dell'Aira e João Florencio Tradução: Francisco Degani

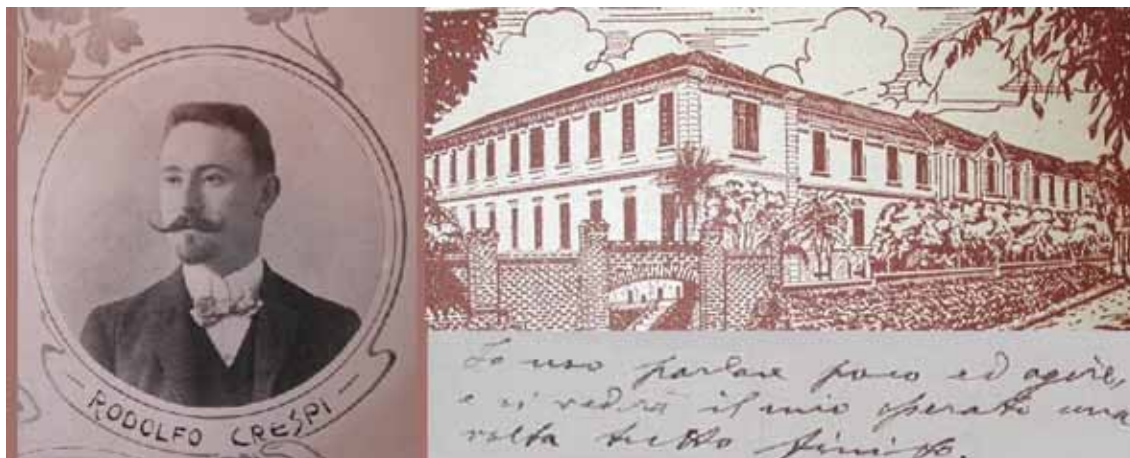


2. “Eu costume falar pouco...”

Resumo do primeiro episódio. Primavera de 1924. Rodolfo Crespi está em Roma. Hospedado no Grand Hotel Excelsior da Via Veneto. Está escrevendo uma breve autobiografia para entregar a um amigo influente que prometeu ajudá-lo a realizar um sonho ambicioso: tornar-se conde.

ROMA. A Via Veneto está deserta, o Grand Hotel a ilumina. Rodolfo está à janela, olha o escuro e pensa. Escrever? Uma façanha, dizia papai Stefano, analfabeto, titular de uma fabriqueta de tecidos. Mamãe Amalia, ela também uma Crespi, era costureira e passava da agulha à pena com facilidade. Casaram-se em 1860: ela

com dezoito anos, ele vinte e dois, ambos menores diante da lei. Havia três semanas, Garibaldi tinha embarcado com os Mil para a Sicília. Um ano antes, a Lombardia havia passado quase toda para o Reino da Sardenha. Quando Rodolfo nasceu, catorze anos depois, o pároco veio batizá-lo em casa: o portão ficava na viradela da rua, a dois passos da igreja de San Giovanni. Uma vez unificada a Itália, o comércio cresceu em Busto. A casa da Via Solferino deveu-se aos ganhos da fabriqueta. De manhã os meninos saíam cedo: ir à escola era um dever cívico. Terminara o tempo em que se vivia da agulha, da horta e do tear. Agora em Busto existia a indústria. E existia a Itália.



Quem sabe o que diria Stefano daquela escola nascida em uma horta de São Paulo, no Brasil, com o dinheiro do seu Rodolfo e de alguns italianos de lá. O governo de Roma havia contribuído com o que faltava através de uma associação nacional, a Dante Alighieri. O primeiro diretor que mandaram também se chamava Rodolfo. Rodolfo Camuri, piemontês como o conde Cavour. Vinha da escola italiana de Salônica, na Grécia. Tinha as feições de um domador de leões. Ensinava técnica bancária. Crespi perguntou, apertando-lhe a mão: Disposto a trabalhar até de noite?

A fábrica de Rodolfo, na Mooca, era menor do que o cotonifício que tinha sido fundado por um Crespi, não parente de Stefano, e que se localizava a leste de Milão, mas não distante de Busto. Ali havia muita água, uma vila operária e uma passarela sobre o rio Adda para quem ia trabalhar todas as manhãs e todas as tardes voltava para casa. A vila se chamava Crespi d'Adda. Em Busto, havia mais Crespis do que teares. O filho daquele Crespi fora estudar na Inglaterra. Rodolfo, ao contrário, estudara um pouco em Busto, depois encontrara emprego e partira imediatamente para a América



Acima, Vila Crespi d'Adda: a Fábrica
Abaixo, São Paulo: a Fábrica Regoli & Crespi, na Mooca

com a ideia de roubar a profissão do patrão. Em São Paulo, casaria-se com uma moça de Florença, que trabalhava na cozinha do restaurante da família. Não havia quem preparasse capeletes melhor do que ela. Em quatro anos, sua fábrica, em sociedade com o sogro, era grande como a de Crespi d'Adda. Agora era toda sua. Quando Camuri viu o cotonifício, entendeu que em São Paulo trabalharia até de noite, como em Salônica. Não lhe desagradou.

Alguém grita na rua, depois se cala. Rodolfo volta à poltrona pensando em duas fotografias de 1917 feitas para um "Quem é quem" dos industriais de São Paulo. Na primeira está Marina; ao seu lado Raul, oito anos; depois Renata, de vinte, já casada com Fábio da Silva Prado; depois Adriano, de dezoito; e por último Dino, de dezessete. A guerra é como um grito na noite. Se não tivesse terminado logo no ano seguinte, Adriano e Dino teriam ido para a frente do exército. No segundo retrato está ele, capitão de indústria, quase conde como Cavour e Matarazzo.



Rodolfo para de escrever e suspira. Está na hora do rei fazê-lo conde, a ele também.

Matarazzo, em São Paulo, patrocina o Hospital dos Italianos, enquanto ele patrocina a escola da Alameda Jaú. Camuri havia educado bem os filhos dele e os dos outros. Depois Camuri se demitiria porque estava cansado, tinha brigado com ele, que era presidente do *Istituto*. Mas, honra ao mérito. Em seu lugar, agora está o Magno, lombardo como Rodolfo. Chama-se Arturo Magnocavallo, mas para Crespi é o Magno desde que veio a São Paulo em missão, mandado pelo governo e pela Società Dante para ver se era possível fazer aquela escola. Era 1907. Magno disse que sim, era possível, e pediu-lhe que financiasse o projeto. Rodolfo o queria como primeiro diretor. Mas Magno não aceitou. Ou não quiseram mandá-lo. Quem sabe. O Brasil é uma sereia que atrai. *Italia bella mostrati gentile, e i figli tuoi non li abbandonare, senno ne vanno tutti ni' Brasile, e 'un si ricordon più di ritornare.** Cantava-se assim em Florença. Nonna Margherita cantava assim para Renata quando era criança, para fazê-la dormir.

Quando chegou o momento de fundar a Sociedade e comprar o terreno na Paulista, mandaram de Roma Enrico Gianrossi, diretor de um colégio de Udine. Ele queria ficar em São Paulo, mas no final

* “Bela Itália, mostre-se gentil e não abandone os filhos teus, senão vão todos para o Brasil e não se lembram mais de voltar.”

foi escolhido Camuri. Oito anos depois, quando Camuri começou a se cansar, Rodolfo foi até Magno, em Milão, e o convenceu. Aliás, não. *Figüres!* Foi ele quem deixou uma bela carreira para segui-lo ao Brasil. Era 1920. Havia o liceu para criar, como uma árvore jovem. Era preciso um humanista como Magno.

O *Istituto* já se tornara uma escola importantíssima. Rodolfo pensa: agora, sim, podem me fazer conde de Sua Majestade. Uma fábula? *Figüres!* Um romance. Conde, o filho de dois plebeus fabricantes de tecidos, quase como Renzo e Lucia de Manzoni. Se Dell'Acqua – que Deus o tenha –, que o havia mandado ao Brasil, foi o “príncipe mercante” por seu faturamento, por que ele, ex-almoxarife do príncipe, não poderia ser conde? Que mal há nisso? Conde-almoxarife!

Todos sabem que o Instituto Medio é, há anos, o filho predileto ao qual ele dedicou não apenas elevadas somas de dinheiro, mas uma parte de si mesmo, porque é seu Presidente desde o início até hoje e porque com propaganda assídua soube envolver com seu entusiasmo os melhores de seus conterrâneos.

Rodolfo volta a procurar a estrelinha entre os ramos de louro, no papel timbrado do Excelsior. Uma parte de si mesmo... Apaga e escreve. “Uma parte da alma”. Prossegue à custa de correções, como quando escreveu ao Conselho Central da Società Dante, sem a ajuda de Camuri, que a cons-

trução da Alameda Jaú estava um metro acima do chão e precisavam de cem mil liras. Quando leram a carta em Roma, corrigiram-na antes de copiá-la à máquina para os conselheiros. Ele havia escrito: *Eu costumo falar pouco e agir e se verá o meu obrar quando tudo terminado...* Por distração do secretário-geral da Societá Dante, a cópia corrigida lhe foi expedida com outros papéis. Rodolfo confrontou-a com sua minuta. *Eu costumo falar pouco e agir e se verá o meu obrar todo junto, quando estiver terminado*. Ofendeu-se. Para que encher linguça? Meu italiano é de se jogar no lixo?

Rodolfo volta à janela, bate um cigarro no peitoril e o acende. Eu não sou como Manzoni, que, para refazer seu romance, deixou Milão e foi para a Toscana. “Para enxaguar seus panos no Rio Arno”*, dizia minha professora de Busto. *Figüres!* Com todos os panos que fabrico na Mooca, nunca terminaria de enxaguá-los aqui no Tibre.

(2/4 - Continua)

* Alessandro Manzoni, famoso poeta e escritor italiano do século XIX, natural de Milão (1785 – 1873), usou essa expressão referindo-se ao fato de que havia morado um mês em Florença, cidade de Dante, para aprimorar o italiano de seu romance histórico *I promessi sposi* (Os noivos).



Rodolfo Camuri



Enrico Gianrossi



Arturo Magnocavallo

Edições brasileiras facilitam o acesso do leitor do século XXI ao poema de Dante Alighieri

Por Luisa Destri*

A *Divina Comédia* não representa apenas um dos pontos mais altos da literatura mundial: é também o livro fundador da língua italiana. Para narrar sua viagem pelas vidas possíveis após a morte, o poeta Dante Alighieri empregou o idioma vulgar, o toscano, falado em Florença – a língua da cultura era, àquela altura (início do século XIV), o latim.

A obra é, além disso, uma visita à tradição poética. Guiado pelo mestre Virgílio, autor da *Eneida*, Dante passeia pelos latinos antigos e pelos trovadores provençais, exercitando, ainda, o *dolce stil nuovo*, versos que exaltam o prazer de contemplar a mulher amada. Ela, aqui, é Beatriz, e se tornará a guia do poeta pelo “Paraíso”, exercendo a função que então cabia à personagem Virgílio.

O esquema de rimas do estilo novo, chamado *terza rima*, mantém-se constante nos mais de 14 mil versos d’*A Divina Comédia*. Trata-se de encadeamentos: o primeiro e o terceiro versos de cada terceto rimam com o segundo verso do terceto anterior, formando o esquema ABA – BCB – DCD, e assim por diante. As onze sílabas do verso original se tornam, nas traduções para o português, dez.

Dividida em cem cantos e em três partes – “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso” –, a obra recebe de Dante o nome *Comédia*, indicando o gênero literário em que, segundo as palavras do autor, tudo começa mal e acaba bem. A primeira edição a incorporar o adjetivo “divina” ao título data de 1555 – uma herança

do final do século XIV, legada por Bocaccio, um dos comentadores do poema de Dante.

Embora a própria estrutura do poema revele seu caráter religioso, não é apenas de espiritualidade que se trata. Episódios políticos da Itália são referidos ao longo dos cantos, e o poeta retrata as paixões humanas com sensibilidade inalcançável. As expectativas de Dante Alighieri em relação ao efeito do poema são enunciadas claramente em uma de suas cartas, destinada a um político de Verona: “Remover os que vivem nesta vida em estado de miséria e levá-los para o estado de felicidade”.

A partir de procedimentos alegóricos, o poeta demonstra como se pode dar a “realização do sentido da história humana na eternidade”, conforme afirma João Adolfo Hansen em nota a uma das traduções para o português. A leitura exige, assim, dedicação, inclusive pelo poder de síntese das imagens testemunhadas pelo personagem e narradas pelo poeta. Nas edições brasileiras, as notas explicativas fornecem o apoio necessário a essa compreensão. Que diante desta obra o leitor sinta o contrário do que assustou Dante quando leu a seguinte inscrição na entrada do “Inferno”: “Deixai toda esperança, ó vós que entraís”.

Nos últimos anos, *A Divina Comédia* vem sendo reeditada e adaptada para focos diversos de leitura. A Dante Cultural destaca, aqui, as melhores.



O designer americano Seymour Chwast mantém-se fiel, nesta adaptação para os quadrinhos, às passagens fundamentais d’*A Divina Comédia*. O artista aproveita um dos fatores centrais da obra: a plasticidade com que Dante descreve as cenas ocorridas durante a viagem pelas três regiões sobrenaturais. Embora seja inegável que toda adaptação implique escolhas e, portanto, perdas, o trabalho de síntese necessário aos desenhos e as soluções criativas de Chwast preparam o leitor para enfrentar o texto integral do poema.

Cia. das Letras
128 páginas

Edição publicada mais recentemente no Brasil, a *Divina Comédia* da Ateliê Editorial parece querer estabelecer com o leitor um jogo de sedução. Com dimensões consideráveis – são quase 28 centímetros de largura e 38 de altura –, traz as ilustrações do florentino Sandro Botticelli, feitas para uma edição do final do século XV. O poema é lido horizontalmente, seguindo a disposição das figuras e estando cada canto disposto em uma só página. No trecho correspondente ao “Inferno”, as páginas pares, que trazem o texto italiano, são as superiores, de modo que a leitura se dê de forma descendente. Já o “Purgatório” e o “Paraíso” estão dispostos no sentido oposto: sim, é preciso virar o livro de cabeça para baixo, num movimento que busca reproduzir a purificação encenada no poema.

Não se está diante, porém, de um mero (e atraente) objeto. A nota introdutória de João Adolfo Hansen é esclarecedora quanto à construção e às interpretações do poema, preparando o leitor para o contato com um texto escrito há 800 anos. O espaço imaginário desenhado por Dante, o sentido alegórico d'*A Comédia* e a união entre tema e matéria literária são discutidos com erudição e clareza pelo professor de literatura brasileira da USP.

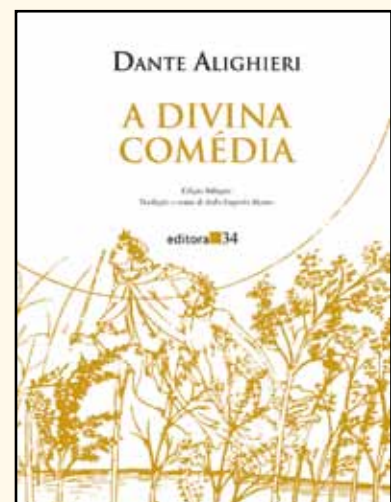
Já a tradução de João Trentino Ziller abre mão do sentido literal em prol da configuração do verso. O resultado são decassílabos ritmados e cuidadosamente rimados. Pelas mãos desse estudioso nascido na Áustria em 1878 e emigrado para o Brasil aos 24 anos, o leitor tem contato com algo da musicalidade original – sem que se perca, com isso, a delicadeza das imagens poéticas.

Ateliê Editorial
560 páginas



Engenheiro graduado pela Universidade de Nápoles, o brasileiro Italo Eugenio Mauro, formado no Colégio Dante Alighieri, abandonou a profissão para terminar a tradução integral d'*A Divina Comédia*. Seu texto serve às duas publicações da Editora 34: uma delas bilíngue, formada por três livros, cada qual correspondente a uma das etapas da viagem do poeta; outra de bolso, com as mesmas esclarecedoras notas explicativas e de apresentação a cada canto, mas sem o texto em italiano. O tradutor opta pela proximidade com o original – o que, diante da manutenção da *terza rima*, acaba levando a escolhas nem sempre interessantes, como a insistência com que se rimam os substantivos terminados em “mento”: tormento, pensamento, entendimento. O crítico literário Otto Maria Carpeaux assina o prefácio à edição de bolso, em texto breve e, no entanto, eficaz em transmitir ao leitor a importância histórica e literária do poema.

Editora 34
Edição de bolso: 736 páginas
Edição bilíngue: 696 páginas



***Luisa Destri, jornalista, é mestre em Teoria Literária pela Unicamp**

A Divina Comédia e o Colégio: uma dupla homenagem

Em meio a comemorações do centenário, os artistas Cláudio Canato e Cláudio Callia homenageiam o Colégio Dante Alighieri com suas obras

Por Henrique Carneiro Foto: João Florêncio

O Colégio Dante Alighieri programou, para este ano, várias comemorações para celebrar os cem anos de sua fundação. Algumas das homenagens feitas ultrapassam o momento e se fundem ao passado, ao presente e ao futuro da instituição,

como é o caso das obras de dois ex-alunos artistas que hoje fazem nossa Escola ainda mais bonita.

Um deles é Cláudio Canato, que já expôs quadros na França, na Itália e em Portugal. Estudou no Dante de 1970 a 1980 e, desde jovem, mostrava o



O primeiro afresco composto por Cláudio Canato, inspirado n'A Divina Comédia, na parede em frente à Presidência do Colégio

seu amor pela instituição. “Eu adorava o Dante. Infelizmente, tive que ir para outra escola, mas guardei meu uniforme durante dois anos. Todo dia, quando minha aula acabava, eu o vestia e entrava escondido no Colégio só para ver meus amigos”, conta. Canato teve contato com a pintura desde pequeno. Nas aulas de arte do Colégio, se dedicava com gosto. Aos 7 anos, já pintava quadros que hoje estão nas paredes das casas de seus pais. Na faculdade de Comunicação Visual, conheceu um professor com quem se identificou bastante e, por causa dele, começou a pensar na arte como uma possibilidade de profissão. Com 18 anos, iniciou sua carreira profissional como pintor. “Decidi me dedicar inteiramente

à arte porque, além de amá-la, ela é egoísta. É uma mulher que quer você só para ela. Muito do seu tempo e amor têm que ser gastos para que você colha resultados”, afirma.

O processo de escolha das obras para a homenagem ao centenário do Colégio foi longo. Canato mostrou alguns de seus trabalhos para o presidente, dr. José de Oliveira Messina. O artista lhe disse que apresentaria um projeto simples, para uma parede, e outro mais ousado. Nesse momento, o presidente proferiu uma frase que o marcou. “Ele me disse para sonhar, porque o artista que não sonha, não realiza”, afirmou Canato. “Fiquei com isso na cabeça e, após um tempo, voltei com um projeto de 30 paredes”, comenta rindo. “Infelizmente, o projeto foi analisado e cortado porque ficaria uma coisa muito pesada para ser realizada”, lamenta.

Canato idealizou dois afrescos. O primeiro, já pronto, está localizado em frente à sala da Presidência. É um painel a óleo de 24 m², representando as três partes de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. O “Inferno” é caracterizado do lado direito da obra, o “Purgatório” ao centro



O novo trabalho do artista, em produção no corredor do edifício Leonardo da Vinci

e o “Paraíso” à esquerda. Algumas figuras mitológicas aparecem na imagem, como a Medusa, o Cérbero e Centauros. A figura de Dante aparece sete vezes na imagem. Segundo Canato, isso foi feito para que as pessoas fossem induzidas a fazer o mesmo passeio retratado no livro. Ele tinha uma vaga ideia de como queria a obra, mas não de como ela ficaria no final. “Meus estudos não são mais ponto de chegada, mas sim, de partida”. Ao longo do processo, Canato conversou com várias pessoas e foi introduzindo ou retirando elementos. “Um dia, uma menina me perguntou se aquele céu tão bonito retratado na pintura não teria uma lua. Por isso, pintei uma especialmente para ela”, comentou Canato.

O segundo, que ainda está sendo feito, é uma homenagem a Leonardo da Vinci, o gênio que dá nome ao edifício principal do Colégio. A pintura consiste em duas imagens separadas pelo arco de entrada do Colégio. Na da esquerda, é retratado um ateliê em Florença, com Da Vinci mais jovem. À direita, um em Milão, com o artista mais velho. Canato criou uma falsa arquitetura, de modo que as duas pinturas pareçam janelas para as cidades retratadas. Nas imagens,

estão presentes reproduções de cinco obras famosas de Leonardo, como se ele as estivesse pintando. Uma delas é *A Virgem dos Rochedos* que existe em duas versões. Por gostar de ambas, Canato decidiu fazer uma terceira, misturando elementos das duas e revisitando, assim, a obra.

No afresco também podem ser vistos anjos que estão cuidando de Leonardo e trazendo ideias, sem que ele perceba. “Decidi fazer isso por causa da relação entre inspiração e essa coisa divina. Eu realmente acredito que a obra de Leonardo tinha esse contato com o outro lado. É muito perfeita”, afirmou Canato.

Tempo e sabedoria

O outro artista que está produzindo obras para celebrar os cem anos de existência do Dante é Cláudio Callia. Neto do já famoso professor de música do Colégio, maestro Salvatore Callia, ele foi aluno da escola de 1956 a 1969. Sua família sempre esteve ligada à história da instituição, visto que além do avô professor, seu pai também estudou nela. “Sempre tive uma relação muito boa com o Dante. Ele está fortemente ligado à minha família. Eu sempre o vi como uma espécie de monumento à cultura e à origem italiana, tendo um significado templário para mim”, afirma Callia. Como Canato, o escultor

também se mostrou apto a trabalhos artísticos desde a época de estudante. Formou-se em Engenharia, mas nunca deixou de trabalhar com a arte paralelamente. “No Dante, os professores identificavam os alunos com aptidão artística. Muitos deles me marcaram pelo fato de terem percebido essa habilidade em mim e me estimulado”, comenta.

Também ex-aluno, o artista Cláudio Callia está finalizando três obras em homenagem ao centenário: duas esculturas e um painel, ambos em bronze



Ao todo, Callia está produzindo três obras para o Colégio, com a ajuda de sua esposa, Sibele Pierallini Callia. A primeira delas é um painel de bronze, que ficará na parte superior da parede interna da portaria central. Nele está retratada a fachada da escola em três dimensões. À esquerda de quem olha, está a data de 1911 escrita em algarismos romanos, simbolizando o ano de inauguração da instituição. À direita, está a data de 2011, também em romano. Conforme a obra ia sendo produzida, alunos do Ensino Fundamental do Colégio visitavam o ateliê e marcavam seus dedos na argila, que serviu de molde para a impressão do bronze.

Além do painel, também estão sendo feitas duas estátuas do mesmo material. Uma delas representa *Khrónos*, personificação do tempo na mitologia grega. A outra é Atena, deusa da sabedoria e das artes. O primeiro está segurando uma ampulheta na mão esquerda, enquanto a deusa possui uma coruja em seu braço direito, como se estivesse impulsionando o animal para voar. “As duas figuras representam a união entre o desenvolvimento do Colégio ao longo dos anos e a experiência de ensino”, explica Callia.

A fascinação pelo “Inferno”

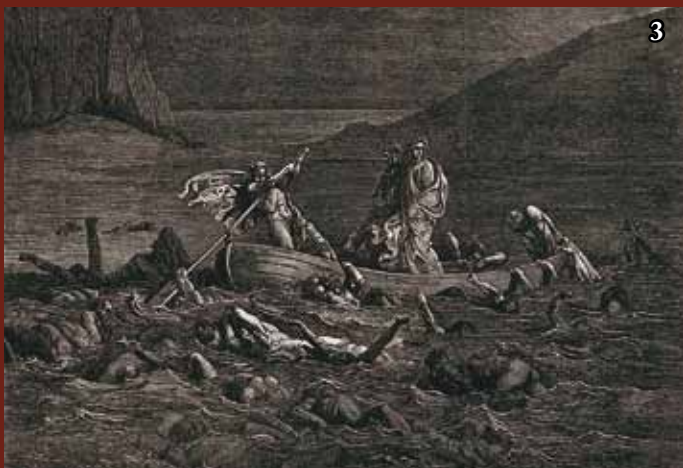
Grandes artistas ao longo dos séculos representaram *A Divina Comédia*, principalmente o “Inferno”. Mais provas de que a obra de Dante transpôs os limites da literatura.

Auguste Rodin – *A Porta do Inferno* – Museu Rodin, Paris. Em gesso. 576 x 380 x 130 cm. ¹

William Blake – Séc XVIII – Dante e Virgílio diante do portal do Inferno (Canto III). ²

Gustave Doré – Séc XIX – Ladrões torturados por serpentes na sétima vala do Malebolge (Canto XXIV). ³

Sandro Botticelli – Séc XV – Sedutores e rufiões sendo açoitados por diabos na primeira vala. No primeiro plano veem-se os adulaadores imersos no esterco. (Canto XVIII). ⁴



Centenas de aplausos

1911 foi um ano agitado no Brasil: comemoram-se hoje, cem anos depois, aniversários de empresas, de um clube de futebol e até o nascimento da cangaceira mais famosa do país

Por Barbara Ramazzini

Uma marca que se tornou quase um tipo de queijo

Catupiry é uma daquelas marcas que, pelo pioneirismo, tornou-se classificação de produto: falamos dele como se fosse um tipo de queijo. A fórmula guardada há cem anos foi criada pelo imigrante italiano Mário Silvestrini em Lambari, no interior de Minas Gerais, onde foi instalada a primeira fábrica do produto. Com o crescimento da marca, em 1949, a produção se instalou no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, onde até hoje permanece com a sua matriz. E

nada mais brasileiro do que o seu significado: *catupiry* quer dizer “excelente” em tupi-guarani. Embora usado como ingrediente em diferentes tipos de comida – seja acompanhado a esfiha, o bacalhau ou a goiabada – foi na pizza que ele encontrou a sua parceria ideal. E foi o vendedor Armando Alba que, para aumentar sua venda, passou a distribuir de graça o Catupiry nas pizzarias paulistanas na década de 70.

Arquivo Catupiry



Divulgação

Em 1949, foi instalada a fábrica no Bom Retiro (na foto), em SP, endereço da matriz até hoje

O alviverde campineiro

Quando se fala em futebol, a palavra “Bugre” remete ao mascote sorridente do time campineiro Guarani. O nome do clube foi dado em homenagem a um dos grandes músicos da história brasileira, o compositor, também de Campinas, Carlos Gomes, criador da ópera *O Guarani*.

Foi em 2 de abril de 1911 que um grupo de adolescentes, a maioria com raízes italianas, se reuniu para fundar o clube. Dois meses após a inauguração, acontecia o primeiro jogo oficial do time alviverde contra o Sport Club 15 de Novembro. Não começou muito bem, perdeu de

3 a 0. Mas, com o passar dos anos, conquistou muitas glórias. Ainda hoje é o único campeão brasileiro do interior do país, com o título de 1978.

O apelido do estádio oficial, que foi batizado de Brinco de Ouro, foi dado pelo jornalista João Caetano Monteiro Filho em sua abertura, no ano de 1978. Ao ver a foto da maquete que representava a casa do time, Monteiro Filho apontou a semelhança, no formato das arquibancadas com um pingente de orelha, o que faria assim do estádio uma espécie de presente dado à Princesa D'Oeste, nome pelo qual Campinas era conhecida.

A quarta maior vendedora de carros do mundo

A parceria de um piloto de corridas franco-suíço com um empreendedor automotivo estadunidense rendeu, na Detroit de 1911, o nascimento da empresa que hoje ocupa o quarto lugar em vendas de carro, a Chevrolet. São cerca de 3,5 milhões de veículos vendidos em mais de 130 países.

O nome se refere a Louis Chevrolet, que, além de pilotar carros com destreza, fora mecânico e engenheiro. William C. “Billy” Durant, o estadunidense, chamou Chevrolet para criar um veículo, em 1910, depois de o primeiro ter sido afastado da própria fábrica que fundara, a General Motors. Como acreditava na carreira em ascensão do piloto, resolveu batizar o carro com o sobrenome do amigo. Era um Series C Classic 6, de grande porte. Depois de sete anos, a General Motors incorporou a marca como uma divisão de sua empresa e, a partir de então, passou a fabricar os primeiros caminhões.

Durant acabou por deixar a General Motors em 1920 e tornou-se investidor em Wall Street. A crise do mercado em 1929 o levou à falência. O mesmo destino foi o de Louis Chevrolet, que perdeu sua fortuna e passou a

trabalhar como mecânico na própria fábrica, em Detroit, até o final de sua vida, em 1941.

No Brasil, a General Motors está com a Chevrolet há 86 anos, e teve papel fundamental no desenvolvimento automobilístico do país.



© GM Corp

Louis Chevrolet, mecânico e engenheiro que deu o nome à empresa, pilotando o Series C Classic 6

Um império familiar

Quando Francesco Matarazzo decidiu agregar todas as suas empresas em 1911, criando as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM), ele cravava o início do seu sucesso como empreendedor não só no Brasil, mas no mundo.

O empresário nasceu no vilarejo italiano de Castellabate, no Golfo de Salerno, em 1854. Aos 27 anos, casado e com dois filhos, desembarcou em Santos e seguiu para Sorocaba, interior paulista, onde a pedra fundamental da sua história empresarial foi colocada. Ali, ele tinha uma venda na qual comercializava farinha de trigo e banha de porco. Passou a vender a banha em uma nova embalagem, de lata, produzida por ele mesmo, e foi grande a repercussão.

Seu faro comercial aguçado o fez mudar para a cidade de São Paulo. E, em cerca de vinte anos, abriu o primeiro moinho de trigo do país, o Moinho Matarazzo, a Tecelagem de Algodão Mariângela, e a Fiação, Tecelagem e Estamparia do Belenzinho. Depois de unificá-las na IRFM, expandiu seu império para todo o território nacional, incluindo, com o tempo, uma refinadora de petróleo, uma fábrica de

louças e outras dos mesmos setores aos quais já estava habituado, o alimentício e o têxtil.

Uma década antes de morrer (faleceu em 1937), deu o leme dos negócios para o filho Francisco Júnior, o Conde Chiquinho, que ainda ampliou o grupo para os ramos de energia e construção. O patrimônio familiar tomou tamanha proporção que foi considerado pela Enciclopédia Britânica como um dos cinco principais conglomerados familiares do mundo.

A decisão da nomeação de Chiquinho para liderar o grupo foi o ponto de partida para as inúmeras brigas familiares que se sucederiam. Os atritos internos, somados aos externos (como com o empresário Assis Chateaubriand) e ainda às crises econômicas pelas quais o Brasil passou entre as décadas de 70 e 80, fizeram com que o império se esfacelasse. Maria Pia Matarazzo herdou não só o comando, mas as dívidas milionárias depois da morte de seu pai, Chiquinho, em 1977.

Quem passa pelo bairro da Pompeia, em São Paulo, ainda pode ver as ruínas do imperador. O espaço cultural Sesc Pompeia abriga parte da antiga fábrica, bem como a Casa das Caldeiras.

A rainha do cangaço

Há cem anos, no Dia Internacional da Mulher, 8 de março, nascia uma Maria que marcou a história brasileira: Maria Gomes de Carvalho, mais conhecida como Maria Bonita.

Sua expressiva força não está somente no fato de ter se tornado uma das únicas mulheres no cangaço nordestino. Nascida numa fazenda em Paulo Afonso (antes chamada Malhada da Caiçara), interior da Bahia, Maria Bonita se casou aos 15 anos, com um primo. Rompeu os paradigmas da época ao se separar do marido para se embrenhar pela caatinga atrás do grande amor, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. “Sobre sua história, criou-se um mito. Há os que lhe traçam um perfil de heroína. Outros a colocam na condição da adúltera Maria Madalena e não perdem a oportunidade de lhe atirar pedras”,

escreveu o historiador João de Sousa Lima, responsável pela biografia *A trajetória guerreira de Maria Bonita, a Rainha do Cangaço* (Fonte Viva), que hoje está em sua segunda edição.

De Lampião, teve uma filha chamada Expedita Ferreira Nunes, e, recentemente, descobriu-se que o antes apontado como irmão de Maria Bonita, Ananias Gomes Oliveira, era seu filho também. Devido às dificuldades da vida de um cangaceiro, entre lutas e fugas, assim que nasceu, Ananias foi entregue à mãe de Maria Bonita, que teve um filho na mesma época, batizado como Arlindo. Ananias e Arlindo foram considerados gêmeos durante muitos anos.

Maria Bonita morreu degolada pela polícia no dia 28 de julho de 1938, junto a Lampião, na Grota do Angico, em Sergipe.

O dia em que roubaram a Mona Lisa

Por amor à pátria, um dos quadros mais populares do mundo foi roubado. Essa foi a justificativa dada por Vincenzo Peruggia à polícia de Florença, quando esta bateu à sua porta na província de Como, em 1913, atrás da obra *Mona Lisa*, do italiano Leonardo da Vinci.

Dois anos antes, Peruggia, um pintor de paredes, trabalhava no museu do Louvre, em Paris. Era uma segunda-feira, dia em que os museus costumam fechar para manutenção. O pintor discretamente retirou o quadro e o levou embora.

Depois de dois anos de busca, a obra-prima foi reencontrada graças à denúncia de um comerciante de antiguidades. Vincenzo Peruggia se defendeu dizendo que só queria levar o quadro de volta à sua devida origem italiana.



Domínio público

Um pintor de paredes italiano que trabalhava no museu do Louvre foi o responsável pelo delito. Alegou que queria levar a obra de volta à Itália

O palco histórico

Abrem-se as cortinas novamente do Theatro Municipal de São Paulo. Depois de uma reforma de três anos, um dos maiores marcos da capital paulista comemora seu centenário com a casa nova. O local já foi palco de grandes nomes, como a cantora lírica Maria Callas, o maestro Arturo Toscanini, a dançarina Ana Pawlova, e até mesmo a diva do jazz Ella Fitzgerald.

O arquiteto Ramos de Azevedo e os italianos Cláudio e Domiziano Rossi iniciaram a construção do teatro em 1903, mas foi só em 12 de setembro de 1911 que a obra foi concluída. Na fachada, notam-se traços renascentistas barrocos do século XVII, bem como uma grande influência da robusta Ópera de Paris.



Sylvia Masini

Depois de três anos de reforma, o Theatro Municipal reabre em São Paulo

Samba feito de tristeza

Parte da farta produção do samba que o Brasil colecionou ao longo dos anos se deve a Nelson Antonio da Silva, o Nelson Cavaquinho. Nascido de uma família pobre, em 29 de outubro de 1911, em São Cristóvão, Rio de Janeiro, tornou-se mais tarde o rei dos botequins e da boemia, vivendo cercado de amigos e parceiros para as suas composições.

“Nelson era do tempo em que as pessoas faziam arte sem se preocupar com o sucesso. Ele tinha um talento genuíno, tocava pelo simples prazer”, descreve Rodrigo Faour, estudioso de música popular brasileira, responsável pela compilação “Nelson Cavaquinho - Degraus da Vida” (EMI), lançado em comemoração ao centenário do nascimento do compositor.

Seu jeito feliz de viver não se refletia nas letras de suas músicas, em sua maioria com um tom de tristeza e reveladoras de um pavor pela morte, como em *Folhas secas* (“Quando o tempo avisar/que eu não posso mais cantar”).

No início da década de 30, Nelson Cavaquinho passou a conviver com os sambistas da Mangueira – escola de samba que, neste ano, dedicou seu enredo de carnaval ao compositor. Assim como aconteceu com outros contemporâneos, o talento de Nelson só foi reconhecido nos anos 60, quando ele já tinha mais de 50 anos e inúmeras letras compostas.

Foi no restaurante Zicartola, importante ponto de encontro cultural da época, que Nara Leão, Elizeth Cardoso, entre outras damas e mestres das canções, emprestaram suas vozes para elevar Nelson ao patamar do sucesso. Só na década seguinte o compositor gravou seu primeiro disco solo e passou a ter uma vida um pouco mais confortável.

Nelson Cavaquinho morreu em 1986, aos 74 anos. Deixou como legado um repertório refinado de sambas como *A flor e o espinho*, *Vou partir*, *O meu pecado*, entre outros tantos espalhados nos discos de diferentes cantores, principalmente de Beth Carvalho, sua maior intérprete, que gravou 33 canções do sambista carioca.

A Itália é aqui

O símbolo da italianidade no Brasil. É assim que o governo da Itália denomina o Circolo Italiano de São Paulo, o mais importante e antigo clube desta comunidade de imigrantes no país. Fundado em 13 de abril de 1911, a associação reside num dos mais tradicionais endereços da capital paulistana, a Avenida Ipiranga.

Foi lá, no que hoje é chamado de Edifício Itália, que um grupo de italianos resolveu se reunir para preservar os seus costumes e manter o espírito de união com os seus comuns. Na Primeira Guerra Mundial, muitos voltaram para a terra natal e morreram lá. Como homenagem, os seus nomes estão listados nas paredes do Circolo.

Completando o seu centenário, o Circolo passa por um desafio. A cada ano perde mais associados, já que os jovens não têm mais interesse em frequentá-lo. “Na minha época havia um sentimento de congregação, uma união da italianidade. Hoje a geração mais nova não tem mais o costume de participar de clubes”, reflete Giuseppe Cappellano, de 77 anos, presidente da associação e um dos mais antigos sócios, ex-aluno do Dante. “Eu entendo que os tempos mudaram e que a realidade é outra”, confessa.



Divulgação

A associação mais antiga que reúne italianos no Brasil é o Circolo Italiano, sediado no Terraço Itália. Na foto, o edifício ainda em construção

Um casal de diamante

De todos os feitos do Colégio Dante Alighieri, talvez o mais importante seja a marca que deixa nos alunos. Grandes realizadores cresceram dentro das luminosas salas de aula da instituição. O casal Betti faz parte dessa lista

Por Isabella D'Ercole Fotos: arquivo pessoal Laura e Danilo Betti

Quando Laura Bandini desceu do bonde naquele dia de 1948, ela não imaginava que Danilo Mirko Betti a estaria esperando no ponto. Ele perguntou se podia lhe acompanhar, atravessaram a Rua São Bento e ali começou o namoro, que depois virou um casamento que já completou 60 anos. As bodas de diamante, comemoradas em setembro do ano passado, foram um marco para a família e para o Colégio Dante Alighieri. Isso porque os dois são hoje o casal de ex-alunos com as mais antigas matrículas no Dante, de acordo com o cadastro do Colégio.

Danilo não tinha aprendido a falar português até os 10 anos. Nascido em 15 de julho de 1916, no Brasil, fez sua primeira viagem dois anos depois, a bordo do *Princesa Mafalda*. Os pais, brasileiros, se dirigiam à Itália. Acontecia a Primeira Guerra Mundial, e o avô de Danilo pedia ajuda da família naquele momento. Ficaram hospedados na cidade de Lucca até o menino completar quatro anos, quando voltaram ao Brasil e o matricularam no *Isti-*

tuto Medio Italo Brasileiro Dante Alighieri. “A escola era a mais tradicional da comunidade italiana no Brasil. A língua ali dentro era o italiano, meus pais sabiam que eu estaria seguro”, explica. Porém no ano em que Danilo completava a primeira década de vida, ele ainda não dominava a língua nacional. Preocupados, os pais fizeram a matrícula no Ginásio Anglo-Latino. Do Dante, ficaram as boas

Laura e Danilo Betti são o casal de ex-alunos que se matriculou há mais tempo, de acordo com os registros do Colégio



recordações e o latim afiado. Danilo gostava tanto das aulas de latim que, no outro colégio, era chamado à lousa para ajudar o professor. Mas Danilo e Laura não frequentaram o Dante na mesma época. As coincidências viriam à tona muito tempo depois.

Laura Virginia Ana Bandini faz parte da primeira geração de sua família nascida em território brasileiro. O pai veio da Itália aos 4 anos, e a mãe chegou aos 18. Os dois filhos estudaram no Dante. Laura ingressou na escola aos 10 anos, em 1938. O Colégio fora indicado pelo cônsul italiano, amigo da família. “Não tenho memórias ruins daquele tempo. A minha turma era

ótima, tivemos os melhores professores”, conta ela. A paixão pelo Dante é tanta que todos os dias, às 18 horas, ela vai até a janela do apartamento acompanhar os ônibus escolares que passam ali pontualmente. Esse é um momento diário que Laura separa para se lembrar dos colegas que já se foram e deixaram saudades. A turma tinha 90 alunos. Hoje são 18 ex-alunos vivos. Desde 1948, quando se formaram, eles se reúnem anualmente em um almoço que acontece em setembro. Os membros podem ter diminuído, mas a animação nunca. “Contamos

histórias da época, damos risada das aventuras dos meninos, compartilhamos a admiração pelos professores.” Uma das reminiscências preferidas de Laura é a do dia em que quatro colegas carregaram o carro do professor de arte para dentro do jardim.

“Fiquei muito impressionada porque eles levantaram o carro sozinhos, no muque! Cada um pegou de um lado e só soltaram quando já estavam dentro do jardim.”

Em 1944, já no colegial, Laura teve outras experiências das quais nunca se esqueceu. Já acontecia a Segunda Guerra Mundial, e o Brasil vivia a ditadura Vargas. A febre nacionalista que tomava conta da nação chegou aos colégios. Foi uma surpresa quando alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco entraram no Dante Alighieri para inspecionar e proibir o uso do italiano nas conversas. Era permitido falar apenas a língua portuguesa. A situação piorou. Até o nome do Colégio teve que ser modificado, passando a se chamar Visconde de São Leopoldo. Laura permaneceu até



Foi num baile do Circolo Italiano que, dois anos depois de terem se conhecido, Laura e Danilo se reencontraram. Não demorou muito para que o namoro começasse e, dois anos depois, se tornasse um noivado

terminar o que hoje chamamos ensino médio. No mesmo ano, foi convidada a lecionar. Passou a cuidar das salas do pré-primário. Só saiu do Dante em 1950, quando ela e Danilo finalmente se casaram.



No ano passado, Laura e Danilo comemoraram as bodas de diamante, ou seja, os 60 anos de casamento

Herdeiros

Do encontro no ponto de bonde até o casamento, os dois têm muita história para contar. Laura e Danilo se conheceram alguns anos antes, em uma festa na casa de amigos em comum. Naquela noite, dançaram e conversaram. Dois anos se passaram antes de se verem novamente, dessa vez em um baile do Circolo Italiano. Todos os primos de Danilo convidaram Laura para dançar. Ele não. “Fiquei quieto no meu canto, não queria brincar com o perigo”, diz Danilo, rindo. Laura tornou-se amiga de Ebe, irmã do pretendente. Percebeu que não podia depender de alguma atitude do rapaz. “Eu não era boba. Peguei uma foto de um moço de Ribeirão Preto que me escrevia toda semana e mostrei a ela. Ela foi correndo contar para o irmão, e ele ficou se mordendo de ciúmes”, revela Laura. Entre namoro e noivado, mais dois anos se passaram. Em 1952, tiveram o primeiro filho, Roberto.



Os dois filhos do casal estudaram no Dante. Roberto, o mais velho, já falecido (à direita), e Ricardo

Quando Roberto completou um ano e meio, Laura voltou ao Dante para fazer a matrícula. O menino só começaria a estudar na escola seis anos depois,



Renata, Maurício e Fábio (além de Juliana, irmã de Fábio, que não está na foto) são os netos do casal. Todos estudaram no Dante

mas era preciso reservar um lugar com antecedência, pois a lista de espera era longa. Em 1955, Laura e Danilo tiveram o segundo filho, Ricardo. A família passou a frequentar o Colégio Dante Alighieri novamente. “Além de ir às festas, eu tinha que acompanhar o Roberto às aulas de sábado. Ele era muito travesso. A professora achava que, se eu estivesse junto, ele se comportaria melhor, mas não adiantava”, lembra Danilo.

Roberto Betti era querido na escola, principalmente por dona Piera, professora de italiano e principal vítima de suas aventuras. Ricardo era diferente, o melhor aluno da sala, vencedor de diversos prêmios escolares, entre os quais uma viagem para a Itália. Com os filhos crescidos, Laura começou a dar aulas particulares em casa. Seu sonho era abrir uma escola com uma das colegas do tempo de Dante. Mas elas não encontraram um local apropriado.

Foi no Dante que Ricardo conheceu Sandra, sua esposa. “Desde o segundo colegial eles já andavam de mãos dadas e estão aí até hoje. Já têm mais de trinta anos de casados”, comenta Laura. Ricardo largou a carreira médica para se dedicar à própria empresa, que dirige junto com Sandra. O casal tem dois filhos, Maurício, 28 anos, e Renata, 26, que também foram alunos do Dante.

Formado em Direito pela Universidade de São Paulo, Roberto casou-se com a psicóloga Berenice Ribeiro de Sá. “Mesmo não sendo ex-aluna do Dante, ela escolheu matricular os filhos no Colégio depois de uma festa junina a que fomos. Ficou impressionada com a organização”, conta Laura. Os filhos do casal, Fábio, 26, e Juliana, 30, como o resto da família, se formaram pelo Dante. Roberto

faleceu em 2007, vítima de um ataque cardíaco.

Desde então, a família mudou muito. Dois netos já casaram e Maurício deve se mudar para o exterior ainda este ano. Quando perguntados se os bisnetos – que ainda estão por vir – também devem ser alunos do Dante, Laura e Danilo dão risada. “Não que eu queira me intrometer na vida de ninguém, mas eu acho que sim. É um ótimo lugar para crianças crescerem”, responde Laura.

O casal Betti continua ativo. Danilo, aos 95 anos e aposentado desde 1970, ainda trabalha como corretor de seguros. “Diminuí minha carta de clientes em 80%, mas não paro. Preciso manter a mente



A relação com o colégio e os professores se manteve próxima não apenas pelo fato de os filhos e netos do casal também terem estudado no Dante, mas por conta das amizades que Laura e Danilo cultivaram. Na foto, as ex-professoras do Dante Germana de Angelis e Terezinha Pont Pujó, na comemoração das bodas

ativa”. Em dezembro, ele desistiu de dirigir na cidade, mas, pelos exames, ainda estaria apto. “Cansei do trânsito mesmo. São Paulo não tem mais solução”, afirma desanimado. Laura deixou de vez as aulas particulares depois que o casal trocou o enorme apartamento na Avenida Angélica por um mais simples na região dos Jardins. “Era muito grande, eu tinha até quarto para os netos. Esse é melhor, agora que somos só os dois”, explica. A direção ela abandonou há sete anos, após uma queda, na qual machucou o joelho e o braço. “A verdade é que eu fui chofer dessa família por

muitos anos. Achei que já dava para me aposentar dessa posição”, comenta bem-humorada. Em outubro de 2008, Laura e Danilo foram homenageados pelo Colégio Dante Alighieri ao receberem a Ordem do Sino. Laura se emocionou ao receber: “Eu nem sabia que existia essa premiação. Quando eu era aluna, o Marino, porteiro do Colégio, é que cuidava do sino. Quarenta anos depois, em um encontro da turma, ele levou o sino. É um símbolo muito importante e sentimental para nós. Muitos outros alunos do Dante merecem esse privilégio.”

Madama Butterfly

(Uma Cena Verdadeira)

Homenagem à Professora Germana de Angelis

por **José de Oliveira Messina**
Presidente no Centenário do Colégio

Ilustração: Salvador

Aquela cidade próxima de Buenos Aires, como tantas outras de relevância histórica, no início do século XX vivia um clima romântico, muito embora se presenciasse, na ocasião em que se registraram os fatos que se seguirão, a estação a mais fria do ano.

Sim, porquanto no verão o romantismo se destaca nas praças floridas, nos bares, nas sedas das lojas, nos perfumes das boutiques, nas praias.

Quando o Sol frio chama a Lua concentrando-se no poente a fim de aquecer outras plagas, esta passa a brilhar nas vistosas joias, colares e braceletes das senhoras e a iluminar chamativas vestimentas salpicadas por lantejoulas.

Artísticos penteados eram ornados por chapéus plumados.

Cavalheiros enfatiados, com elegância admirada pelas senhoras, colarinhos engomados alvos e altos, destacavam negras borboletas pousadas sob fartos bigodes e não raros cavanhaques, que parcialmente as cobriam. Bengalas prateadas, algumas das quais ricas, cravejadas com brilhantes que também luziam, eram manuseadas com rítmicos movimentos.

O destino de todos era um só: o Teatro Lírico, de Santa Fé.

A esperança de iniciarem-se sonhos também diferenciava o comportamento da comunidade, que se comprimia, sem atropelos, à porta da nobre casa de espetáculos. Havia janotas e moçoilas bem-postos que lançavam olhares de ternura interrogativa.

A moldura superior do edifício dava-lhe o nome em letras grandes e, logo abaixo, em tipos menores, o letrero. Luz neon multicolor anunciava a ópera: “Madama Butterfly”, do maestro Giacomo Puccini.

No portal, um cartaz afixado indicava o nome dos integrantes da trupe que encenaria a magistral ópera em três atos, destacando o nome do maestro e o da prima-dona.

Por se tratar de história lírica escrita pelo advogado John Luther Long e dramatizada por David Belasco, com estreia no famoso teatro Scala de Milão (1904), que comoveu incontáveis plateias, o drama musicado por Puccini atraía um público que lotava as casas teatrais por meses seguidos.

Certamente, o casal e a filhinha de apenas três anos, que também se encontravam naquela noitada de gala, para a qual os ingressos estavam de há muito esgotados, à ópera não assistiriam não fossem eles mesmos os protagonistas.

O marido e sua esposa eram as principais figuras: maestro e prima-dona. Esta, representando a jovem nipônica Cio Cio San. A criança permaneceria nos bastidores para presenciar a atuação de um menino de nove anos que, loirinho, filho da gueixa, nascera do casamento que ela mantivera, na época da guerra, com o americano Benjamin Franklin Pinkerton, oficial da Marinha dos Estados Unidos em Nagasaki.

O infante entraria pelas mãos da mãe, nos últimos instantes da ópera, para ser apresentado ao pai, como derradeira tentativa para que ele abandonasse a nova mulher, com a qual se casara Pinkerton na América do Norte, e que lhe pedira o filho de Cio Cio San. Se não fosse feliz no seu intento, o punhal que pertencera ao seu progenitor, e que fora por ele usado para subtrair a própria vida, já se encontrava em seu poder, escondido no largo e colorido quimono para perpetrar também o trágico fim, o haraquiri.

Tudo preparado para o terceiro e último ato, vem a notícia que a todos preocupou: o menino não comparecera.

Em pânico, encontravam-se desorientados, correndo de um lado para o outro.

Eis que a prima-dona resolve o impasse!

Propõe, nos minutos do último intervalo, ao maes-



tro, seu marido, que a filhinha do casal substituísse o menino. Considerando os três anos da menina, em primeiro lugar, e, em segundo, que era moreninha com cabelos escuros, e o ator era loirinho, o maestro discordou de pronto da sugestão.

Contudo, não desistindo do seu intento, a cantora insistiu, ponderando que a menina, apesar de contar apenas três anos, como companheira dos pais nas inúmeras noites líricas das quais participara, saberia enfrentar os espectadores tranquilamente.

- Não há dúvida, obtemperou o maestro, porém, e a cor do cabelo?

Quanto a isso, a menina, já com o traje adequado, transformara-se em loirinha com um chinó que a mãe adaptara em instantes.

- *Sia quello che Dio vuole, alea jacta est!*, disse, vencido, o rigoroso maestro.

Reinicia-se o terceiro ato, os momentos derradeiros chegam: a esposa americana de Pinkerton, Kate, pede que lhe entreguem o menino, afirmando que dele será verdadeira mãe.

Butterfly, sem alternativa, despede-se longamente do filho, depositando-lhe beijo terno em sua face,

recomendando que jamais se esquecesse de sua mãe japonesa. Cobre-lhe os olhos, depois de haver disposto alguns brinquedos em sua volta, para que se distraísse, e transfixa, com a faca, o ventre. Na lâmina do instrumento, estava insculpida a frase *Com honra morre aquele que não mais com honra viver pode*.

Naturalmente, a menina não estava preparada nem poderia entender aquele trágico fim de sua mãe. Vozes mais altas, movimentos barulhentos, orquestra no clímax do som, a queda de um corpo ao chão, passos acelerados, confusão generalizada... a pequena retira aflita a venda dos olhos, que a incomodava. Vê a mãe estendida no solo, banhada de sangue, corre para junto dela e grita: *não, não, mamãe, não morra, não morra!*

Abraça-a, e beijos sem fim deposita em seu rosto. Ergue-se a mãe, que, sem resistir, abraça a filha e a apresenta à perplexa assistência.

O público jamais poderia imaginar tal epílogo, que não constava na história e no drama.

Suspense... entreolhares interrogativos... levanta-se a plateia e, com intermináveis aplausos, elege a menina como a prima-dona do espetáculo!

Memórias de um ex-aluno

Por Rafael Bresciani

Ilustração: Milton Costa

Eu me lembro muito bem de quando a Bia, minha amiga japonesa gordinha do pré-primário, saía da aula para, sabendo que me pegaria chorando no corredor, me convencer a voltar para a sala. Lá se vão mais de vinte anos, e essa é uma das memórias que nunca me saíram da cabeça. Eu, desolado naquele corredor enorme do Ruy Barbosa, não entendendo muito bem o que acontecia (o que me incomodava), e ela, que vinha me resgatar, com a maior paciência do mundo, e me levar novamente para o que era o início da minha alfabetização.

O que acontecia era simples, e minha mãe chamava de educação. Mas não era fácil, para mim, entender tudo aquilo. A vida antes do Dante fora-me muito simples. Havia passado apenas por duas creches. Na segunda, o universo era pequeno. Um pequeno sobrado nos jardins mantinha crianças dos 3 aos 6 anos de idade, e o pátio retangular com muros altos e coloridos delimitavam os confins do possível.

Já no Dante era tudo diferente. Primeiro, porque o espaço reservado para abrigar nossas aventuras era cerca de dez vezes maior do que o da escola antiga. Além disso, o número de alunos era algo absurdo perto da minha realidade de filho único, até então, e vindo de uma escola de bairro. Deve ter sido por isso que eu me apeguei tanto à gentileza e à paciência daquela japonesa gordinha, que foi a minha melhor amiga até o fim da sétima série, quando ela mudou de colégio.

Deve ser por isso que, para mim, era tão difícil estar lá. Naquele mundaréu de gente diferente, mas aprendendo a ser igual, todos dentro dos padrões do Colégio. Uma complexidade traumática para uma criança hiperativa e introspectiva como eu, mas um bem necessário, talvez, para uma formação sólida e, com certeza, para a minha sobrevivência naquele ambiente ainda novo e hostil.

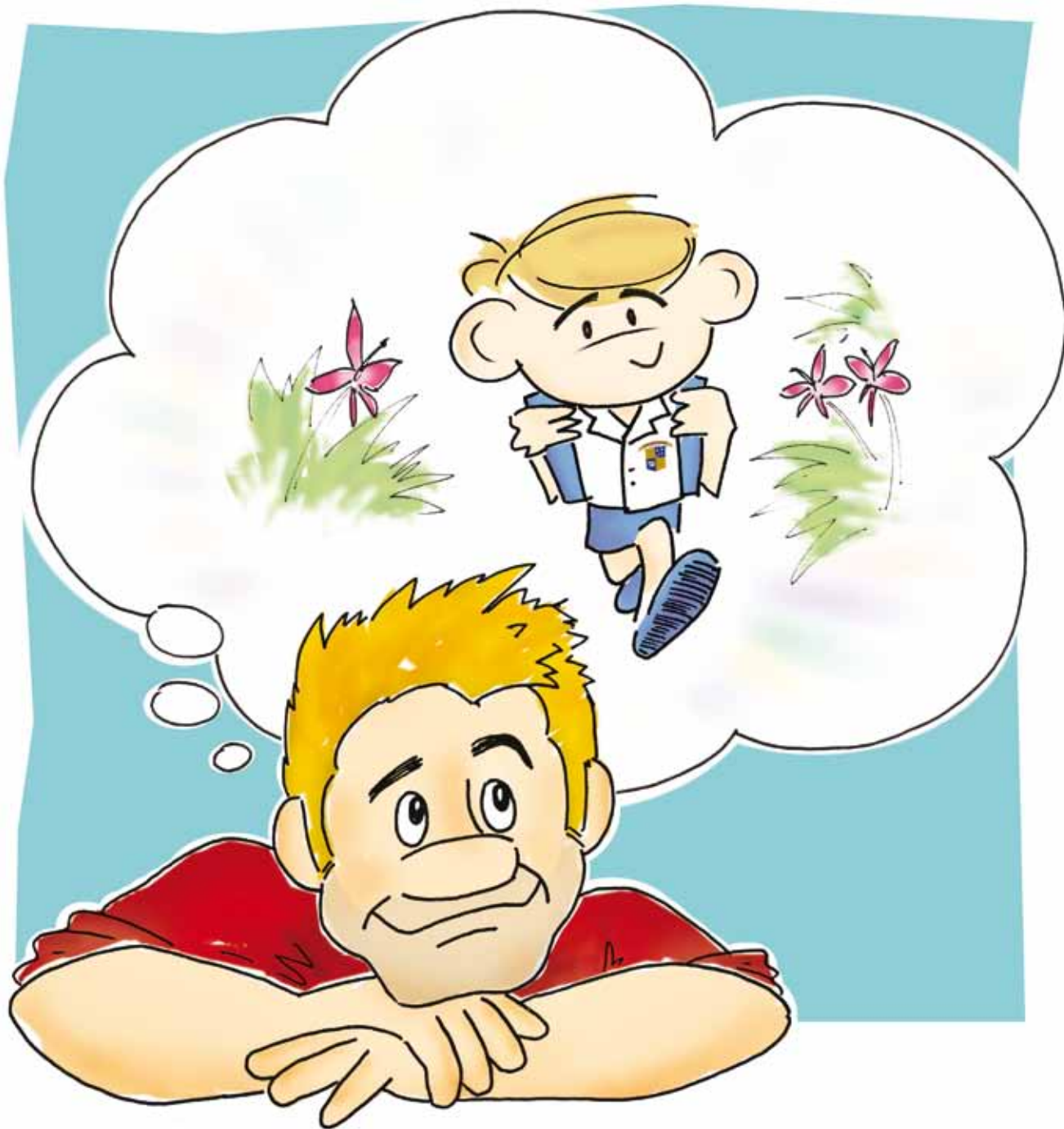
E claro, sobrevivi. Desde o início até me formar em 1999, foram belos 13 anos de

Dante com os comuns altos e baixos, e com as histórias que não só me marcaram a vida inteira, mas que me formaram como pessoa.

O incômodo que descrevi no início deste texto logo passou, então, a fazer parte das minhas memórias. Uniu-se à lembrança dos gélidos primeiros dias de aula, quando íamos buscar nosso nome nas listas para saber em que classe estávamos e com quem iríamos estudar pelos próximos dez meses. Uniu-se à da compra do material escolar na papelaria do Colégio, com os pais, que tentavam amortecer os gastos altos em parcelas e com alguns livros herdados dos irmãos. Uniu-se à das horas perdidas na lojinha que ficava em baixo da escada do Leonardo da Vinci, provando novas peças do uniforme. Uniu-se, também, à dos bloquinhos de fichas para gastar na cantina (principalmente com a melhor minipizza da cidade de São Paulo, em um tempo em que a Casa do Pão de Queijo era luxo). E uniu-se à das filas de segunda-feira formadas para a execução dos hinos do Brasil, da Itália e do próprio Dante.

A rigidez com o uniforme me chateava. Sou da época em que ele não tinha amarelo, era só azul e branco. Tênis, só azul, branco, preto ou cinza. Inclusive nos detalhes! Ou seja, All Star vermelho era sinônimo de voltar para casa sem sequer passar do portão principal. Para os alunos, isso era visto como falta de liberdade. Mas, depois de sair do Dante, descobríamos que os amigos que estudavam em outras escolas admiravam o figurino – principalmente a saia de pregas das meninas –, por conta também de facilitar a vida social. “Se não tem uniforme, a gente fica sem roupa para sair, porque usa todas para ir para a escola”, diziam.

Outro tema polêmico da minha época: as aulas de italiano. Muitos amigos e colegas guardaram pouco do aprendizado após oito anos estudando o idioma de Dante. Não era mesmo a proposta do Colégio fazer com que saíssemos falando italiano,



por mais que as aulas acontecessem no mínimo duas vezes por semana, da primeira à oitava série, e a disciplina fosse sempre “matéria de boletim”, com nota, recuperação, cobranças como as das outras matérias. Pouco aproveitei a oportunidade de me dedicar ao aprendizado da língua.

Apesar de o Colégio ser regido e frequentado por brasileiros, as raízes italianas ainda são fortíssimas, e se manifestam na forma de ser,

de conviver, de estabelecer a sua ordem, de lutar pelos seus ideais, de formar pessoas.

E foi ao pisar na Itália, onde moro hoje, que entendi de verdade a importância disso tudo. E de todas essas memórias, boas ou ruins, que são extremamente necessárias. Mesmo aquelas que, na época, pareciam as mais horríveis, se tornaram, depois de anos, algo muito importante na minha (agora sim, percebo e reconheço) educação.

Por Arthur Fujii

Há cem anos, uma das maiores escolas de São Paulo era fundada por imigrantes italianos, levando o nome do mais importante poeta da língua italiana – e um dos mais brilhantes do mundo. No Ensaio Fotográfico desta edição especial, Arthur Fujii captou, na cidade, cenas

que poderiam ter inspirado versos e elementos da obra de Dante Alighieri, nosso patrono. Algumas delas correspondem a trechos de cantos específicos. Outras, porém, simplesmente representam ideias gerais das esferas da vida após a morte, vislumbradas por Dante: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso.

Inferno

Canto XII "A trilha pela qual descíamos era tão rude, tão desprovida de encantos, que a todo olhar causaria assombro."



Canto XXIII "Naquele fundo vimos, após, gente de cor brilhante revestida, a avançar chorando e com passos tardos, nos semblantes mostrando fadiga extrema. Traziam, os infelizes, capa e capuz que os olhos mantinham ocultos, à moda usada entre os monges de Colônia. Dourados por fora, são por dentro de plúmbeo tom e assim pesados que, a eles comparados, pareceriam de palha as capas de Frederico. E por toda a eternidade tinham de conduzir o fatigante manto."



Purgatório



Canto XXVII "Venite, benedicti Patris mei!, dizia o canto em meio de fulgente luz. Mas tão forte era tal fulgir que, deslumbrado, não consegui fitá-lo."

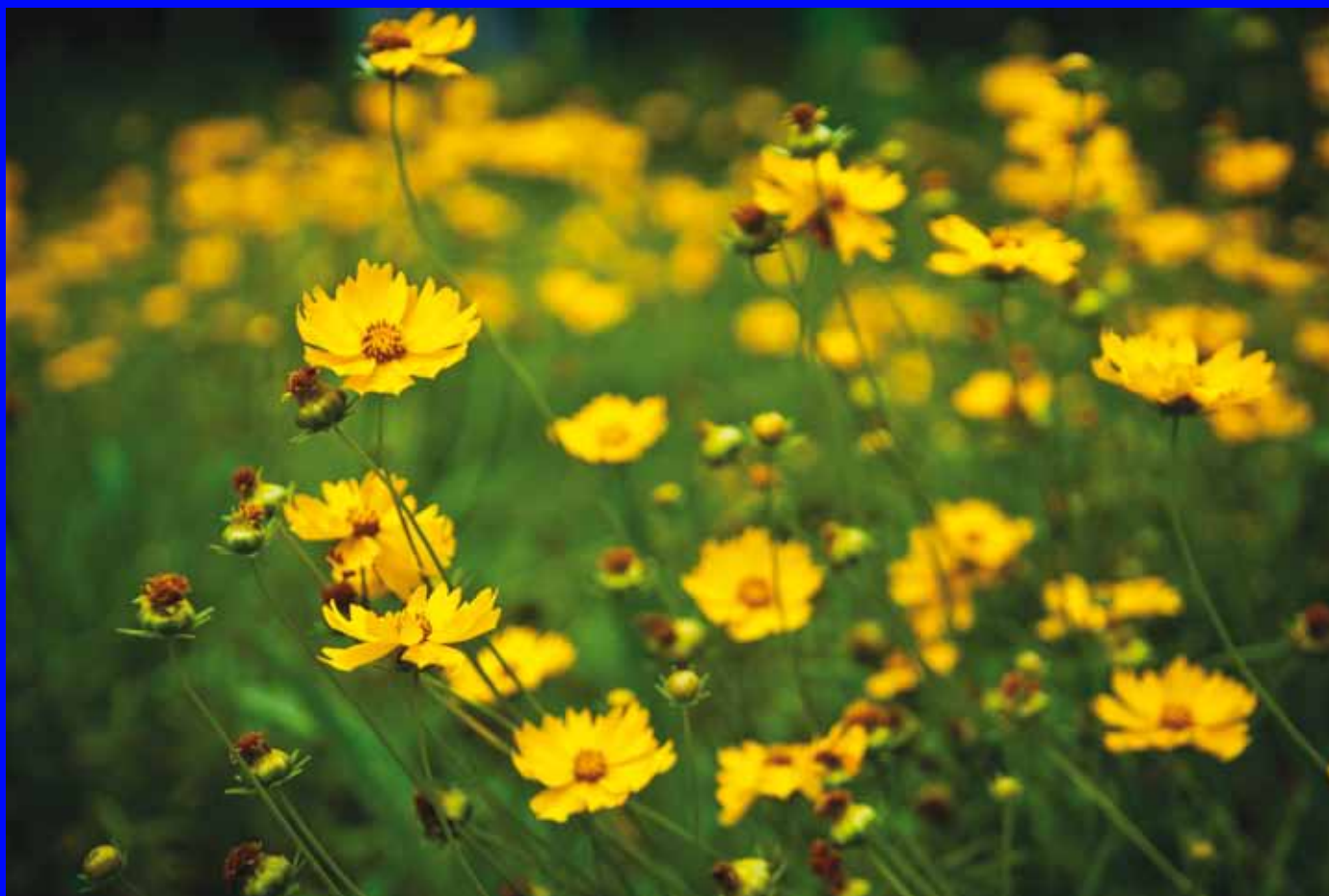


Canto X "Vinhm curvadas – umas menos, outras mais – segundo o peso de seus pecados. E parecia que as ouvia dizer: 'Não posso aguentar mais!'"



Paraíso





Canto XXX "Vi luz a fluir qual rio fulgurante entre margens orladas pela obra da primavera divinal. Da corrente luminosa partiam centelhas que por todos os lados se uniam às flores, quais rubis a engastar-se em ouro."

O ingrediente favorito de Dante

Por **Silvia Percussi** Fotos: **Tadeu Brunelli**

Dante Alighieri afirmava que o ovo com sal era o melhor alimento do mundo. Um conto popular narra que, um dia, Dante encontrou em uma praça um senhor desconhecido, que lhe perguntou: “Qual o melhor alimento do mundo?” “O ovo”, respondeu o poeta. Passado muito tempo, talvez anos, na mesma praça, os dois se reencontraram, e o desconhecido lhe perguntou repentinamente: “Com o quê?” “Com sal!”, respondeu Dante de imediato, famoso que era por sua legendária memória.

O ovo, talvez pela sua forma e pela aparência das substâncias das quais é composto, desperta a curiosidade e o interesse do homem desde a pré-história.

Nas primeiras civilizações pagãs, por analogia com o nascimento de animais, o nascimento do universo se explicava pelo rompimento do que teria sido um grande ovo cósmico, que se dividiu entre céu e terra. Tal crença se divulgou sobretudo nas filosofias orientais, recontada mais tarde pelos gregos.

Além de terem uma importância reconhecida na alimentação, os ovos eram vistos como símbolos de fertilidade, quase mágicos. Eram, por exemplo, enterrados sob as fundações de edifícios para manter o mal afastado. Outro costume era colocá-los no colo de mulheres grávidas para descobrir o sexo do futuro bebê. Era comum também que as noivas passassem por cima deles antes de entrar em suas casas novas.

O médico Antimo, que viveu na corte de Teodoro, o Grande, em Ravena, afirmava que, se uma pessoa comesse ovos de galinha no café da manhã, obteria um vigor físico superior ao fornecido por qualquer outro alimento.

De lá para cá, continuaram sendo reconhecidas as propriedades energéticas

do ovo como alimento. Entretanto, sua aura de magia e mistério perdeu-se assim que a ciência soube explicar a função reprodutora.

Saiba os significados que o ovo carregou em diferentes civilizações:

Egípcios: entre eles já havia a criação de frangos, associada a um sistema artificial de incubação dos ovos, segundo o testemunho histórico de dois escritores, Diodoro Sículo e Varrone. O ovo como alimento era monopólio das castas mais importantes, como faraós, sacerdotes e nobres.

Gregos: consumiam ovos de galinha, tanto assim que o médico Galeno afirmava que, na dieta de uma pessoa anciã, não poderiam nunca faltar os ovos.

Romanos: na Roma antiga, o ovo era servido nas mesas mais importantes, e reservado aos hóspedes de maior relevância, mesmo se cozido. Segundo Marco Gávio Apício, autor do livro *De Re Coquinaria*, havia na época receitas difíceis de serem hoje aceitas, por conta do sabor moderno. Exemplos: ovos fritos em molho ácido de vinho, ou ovos cozidos com molho de peixe, azeite e vinho puro. Ovos de galinha servidos com pão, azeitonas e vinho compunham o antepasto do jantar.

Idade Média: os ovos foram considerados preciosos também nessa época. Sob o reino de Carlo Magno, eram aceitos como forma de pagamento pelos senhores feudais.

Ovos recheados

INGREDIENTES

6 ovos grandes
100 g de atum em lata escorrido
2 colheres de sopa de salsa finamente picada
6 filetes de anchova cortados longitudinalmente ao meio
12 azeitonas pretas
Sal e pimenta recém-moída

MODO DE PREPARO

Coloque os ovos numa caçarola com água fria, ferva e deixe-os cozer durante 8 minutos. Escorra-os e ponha-os numa tigela com água fria. Descasque os ovos e corte-os longitudinalmente ao meio. Retire cuidadosamente as gemas. Misture-as, numa máquina multiuso, com o atum, a salsa, sal e pimenta a gosto, e reduza a mistura a um purê. Encha os ovos com essa mistura, aplicando-a com um saco de pasteleiro com um bico largo e canelado, e moldando-a com uma

colher de chá umedecida. Envolve cada azeitona num pedaço de anchova, coloque-as sobre os ovos e sirva com folhas de parreira frescas, se desejar.

NOTA: Trata-se de um antepasto com muitas variações possíveis: a gema cozida poderá ser misturada com maionese e alcaparras, ervas e manteiga, ou anchovas e salsa. Os ovos poderão ser cozidos com antecedência e conservados no frigorífico, cobertos com um envoltório plástico, durante algumas horas.



Stracciatella com l'uovo

INGREDIENTES

50 g de salsão
40 g de cenoura
20 g de cebola
30 g de alho-poró
100 g de tomates
2 ramos de tomilho
2 ramos de cerefólio
1 folha de louro
4 fios de cebolinha-verde
4 grãos de pimenta-do-reino preta
1,5 kg de frango
5 litros de água
Sal a gosto
2 ovos
4 colheres de sopa de parmesão ralado
2 colheres de sopa de salsa

MODO DE PREPARO

Coloque em uma panela o frango, as verduras inteiras, os temperos e a água fria. Tempere com sal e deixe ferver em fogo baixo por 3 horas, escumando e retirando a gordura de vez em quando. Deixe repousar e passe na peneira. É interessante preparar esse caldo com um dia de antecedência e deixar na geladeira. Na manhã seguinte, retire a capa de gordura. Bata os ovos com uma pitada de sal e junte o parmesão ralado. Aqueça o caldo e, quando ferver, junte os ovos batidos, misturando bem com a ajuda de um garfo. Polvilhe a salsa, desligue o fogo e sirva.



Zabaione

INGREDIENTES

4 gemas
80 g de açúcar
2 colheres de sopa
de vinho licoroso

MODO DE PREPARO

Coloque as gemas em uma vasilha e, com a batedeira, bata-as junto com o açúcar até a mistura dobrar de volume e ficar bem branca. Junte a bebida e continue a bater. Leve ao banho-maria, batendo sempre até encorpar bem, e sirva a seguir.



Para começar em pizza!



Por Silvia Percussi Foto: Tadeu Brunelli

A pizza é a especialidade culinária de Nápoles. É tão importante para a cultura local que, desde 1984, é “protegida” pela Associazione Verace Pizza Napoletana (AVPN). A organização, sem fins lucrativos, certifica restaurantes do mundo todo para que preparem a redonda de acordo com os preceitos da cidade do sul da Itália: com farinha adequada, o tempo exato de descanso da massa, no forno a lenha, com a massa na espessura certa e recheios bem mais comidos do que aqueles que provamos aqui no Brasil. A pizza vem de um tempo remoto. Alguns dizem que foram os egípcios (os mesmos que inventaram a cerveja) os responsáveis pela criação do prato. Outros creem que foram os gregos, que faziam massas de farinha de trigo, arroz e grão-de-bico. Os hebreus e fenícios também tinham suas receitas próprias. Tanto que a pizza deles lembrava o que são hoje os pães árabes. Sobre a massa acrescentavam carnes e cebola. O costume foi adotado pelos turcos e, durante as Cruzadas, chegou de vez à península italiana.

No começo era só a massa com azeite. Mas a descoberta da América trouxe o tomate à Europa. E a pizza nunca mais foi a mesma. Na época, chamada de *picea*, era dobrada, como um calzone, e levava peixes fritos, toucinho e queijo. Para a população mais carente, era uma boa maneira de saciar a fome. Mas nem só a população carente apreciava a redonda. O escritor francês e *gourmet* Alexandre Dumas menciona os discos em seus escritos. E a pizza Margherita nasceu como homenagem à rainha Margherita de Savoia, esposa de Umberto I. Em visita a Nápoles, no século XIX, o casal real ficou curioso para provar a iguaria. Mas não ficava bem irem a uma pizzaria... Pois a comida foi entregue a eles. E a pizza, que ganhou o nome da rainha, levava ingredientes com as cores da bandeira da Itália: o branco da muçarela de búfala, o vermelho do tomate e o verde do manjericão.

Vejam só a receita que separei para vocês fazerem. É simples e não exige que façam e abram a massa.

Pizza de muçarela

INGREDIENTES

6 pães sírios (se forem tipo pita bem finos, use inteiros; se forem mais fofinhos tipo tonel, abram ao meio)
600 g de muçarela fatiada
200 g de polpa de tomate
3 tomates inteiros
Folhas de manjericão fresco
Azeite
Sal

MODO DE PREPARO

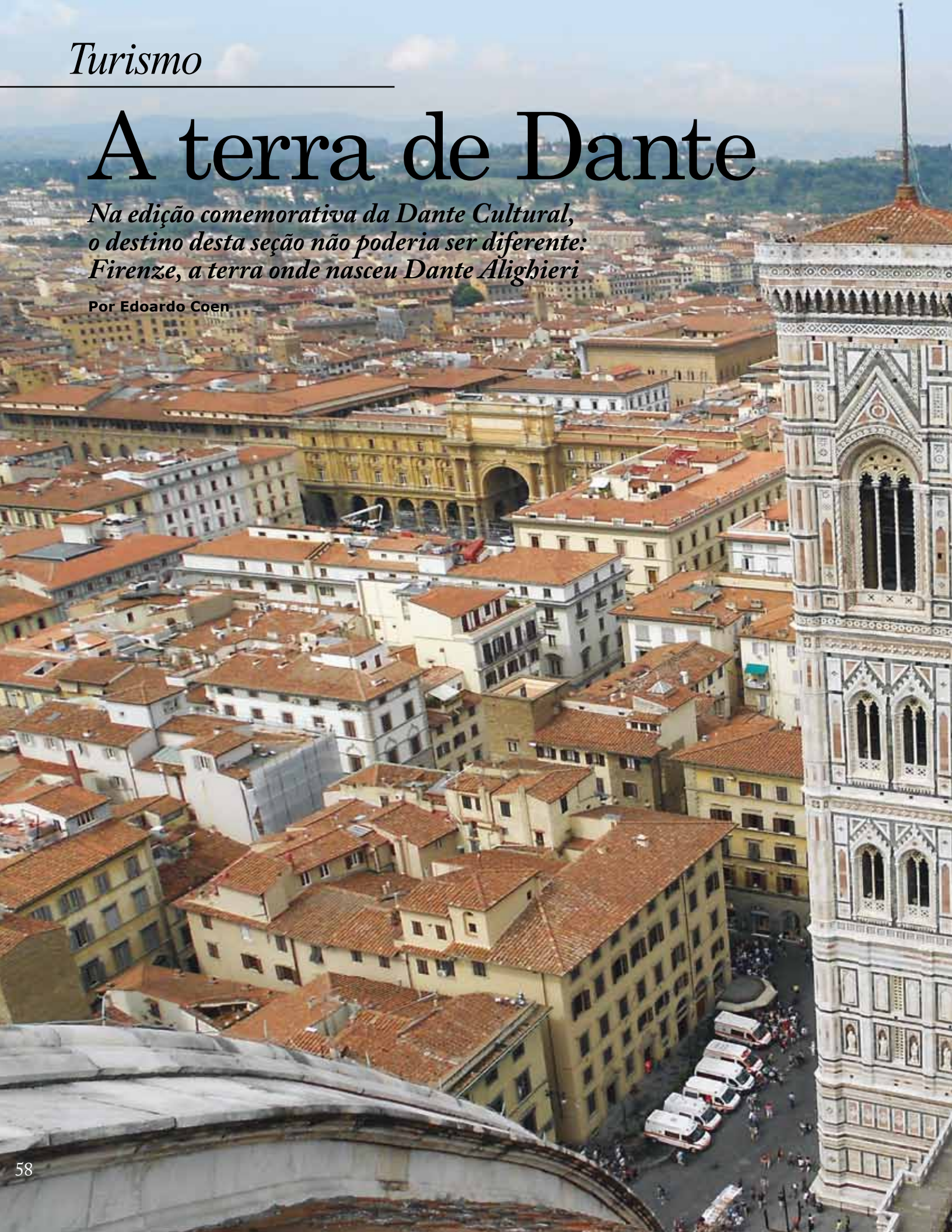
Tempere o pão com a polpa de tomate. Distribua, para cada pão, 100g de muçarela fatiada e disponha fatias de tomates frescos. Tempere com sal e regue com um fio de azeite. Leve ao forno préaquecido a 180° C e asse até o queijo derreter. Sirva com as folhas de manjericão fresco.



A terra de Dante

Na edição comemorativa da Dante Cultural, o destino desta seção não poderia ser diferente: Firenze, a terra onde nasceu Dante Alighieri

Por Edoardo Coen



Do alto da cúpula do Duomo é possível ter a mais bela vista da cidade. Mas a subida é cansativa: use tênis e roupas confortáveis



Nossa viagem pela Itália, que juntos iniciamos nas páginas da Dante Cultural desde o primeiro número, desta vez terá uma etapa especial em Firenze, “la bellissima e famosissima figliola di Roma”, como a denominou Dante Alighieri – o divino poeta, pai da língua italiana –, que nasceu na cidade.

Firenze (ou Florença, em português) estende-se às margens do rio Arno, num vale fértil circundado pelos penhascos dos montes Apeninos, a cordilheira que acompanha a península itálica em toda a sua extensão. Esse território foi habitado pelos etruscos, que fundaram um povoado ao qual deram o nome de *Fesl*. Depois da conquista romana, o lugarejo tornou-se *Fesulae*. Somente muito tempo depois, com os imperadores Marco Aurélio e Diocleciano, o lugar ganhou importância, tornando-se sede do *Corrector Italiae*, ou seja, do governo da Umbria e da Toscana, e assumiu uma posição estratégica no Império Romano.

Fesl, Fesulae, Firenze são nomes que, assumidos no decorrer dos séculos, possuem certa relação com a palavra “flor” (em latim *flos-floris*). Não deixa de ser uma previsão do destino da cidade: o de desabrochar, o que se deu, na plenitude de seu esplendor, no século XV, quando se tornou berço do Renascimento.

Chegando em Firenze

Partiremos de Roma e percorreremos a Via Cassia. Essa estrada, construída em 156 a.C. pelo cônsul Caio Longino, é um verdadeiro “rio de história”, com os seus 240 quilômetros. Por isso, torna-se uma opção melhor do que a Autostrada del Sole, que, embora mais cômoda do ponto de vista automobilístico, apresenta-se tediosa para o verdadeiro turista. Firenze abre-se aos nossos olhos no Piazzale Michelangelo, o mais famoso ponto panorâmico da cidade, que, localizado numa colina que tem aos seus pés o rio Arno, foi construído em 1865 pelo arquiteto Poggi. Foi-lhe dado esse nome por apresentar cópias em bronze

de algumas obras de Michelangelo, como o David e as quatro alegorias da Capela dos Medici (o Dia, a Noite, a Aurora e o Crepúsculo – cujos originais se encontram na Basílica de San Lorenzo).

Há, porém, uma tradição que relata que o local traz esse nome por conta de uma frase pronunciada pelo artista no momento em que iniciava sua viagem rumo a Roma. Chegando ao local, ao ver a cúpula de autoria de Filippo Brunelleschi em Santa Maria del Fiore, disse: “Vou fazer a tua irmã: maior, mas não mais bonita”.

Antes, porém, de adentrarmos no centro histórico atravessando o rio Arno, não podemos deixar de fazer uma visita ao Palazzo Pitti, que de 1865 a

1871, quando Firenze foi a capital do Reino da Itália, era conhecido como Palácio Real. Trata-se de um dos edifícios mais característicos do Renascimento florentino, projetado em 1458 por Brunelleschi para o banqueiro Luca Pitti. O grande arquiteto italiano criou um novo estilo para os palácios da época, abandonando a ideia da torre defensiva, típica da Idade Média, e inspirando-se na arquitetura romana, caracterizada pela espessura dos muros e pelas janelas de pequena abertura, colocadas em posições elevadas. No decorrer dos séculos, o Palazzo Pitti sofreu alterações e ampliações, mas nenhuma delas ofuscou seu aspecto majestoso.

A próxima parada é a Ponte Vecchio, a única ponte que não foi destruída no decorrer da Segunda Guerra, já que era muito

estreita, não permitindo a passagem de veículos. Acredita-se que foi construída pelos romanos em madeira, destruída por uma cheia do rio, e novamente reconstruída em 1345. Hoje, é inteiramente ocupada por joalherias sofisticadas.

No coração de Firenze

Prosseguindo pela Via Santa Maria, entraremos na Via Vacchereccia, que nos levará diretamente

Marcella Chartier



O Duomo é a construção mais bonita de Firenze, e um fiel representante da arte gótica do início do Renascimento

ao coração de Firenze: a Piazza della Signoria, o centro político e também artístico e social da cidade. Poderoso e elegante, com sua torre lateral, o Palazzo della Signoria, ou Palazzo Vecchio – cuja construção, datada de 1298, é tradicionalmente atribuída a Arnolfo di Cambio – constitui hoje a sede do município.

Nesse lugar, seja qual for o lado a que nosso olhar se dirija, encontraremos tesouros artísticos. Logo à direita da entrada do Palazzo, eis a Loggia dei Lanzi, onde podem ser admiradas esculturas como o Perseu, obra em bronze de Benvenuto Cellini.

Há também a grandiosa Fontana del Nettuno, que a proverbial língua ferina dos florentinos chama de Biancone (“Brancão”), por conta da marmórea estátua central. Como se tudo isso não bastasse, surge então o monumento equestre em bronze de Cosimo I de’ Medici, obra de Giambologna, finalizada em 1594, além da cópia do David, de Michelangelo, e a de Hercules e Caco, de Bandinelli. Para fechar com chave de ouro, visitaremos a Piazza della Signoria, que se despede de nós com o monumental Palazzo Ugoncioni, construído pelo arquiteto Zanobi Folli em 1550.

Bem ao lado da praça está a Galleria degli Uffizzi, que poderíamos definir como um museu dentro deste outro museu que é Firenze. O denominativo

“*degli Uffizzio*” (“dos Escritórios”) deriva do fato de que, antes de tornar-se museu, era o edifício onde se concentravam todos os departamentos administrativos da cidade. Foi a família Medici que, em 1550, a transformou numa pinacoteca, que, com o tempo, foi enriquecendo-se por meio de doações e aquisições de pinturas, esculturas e antiguidades. Hoje, ela está no mesmo plano de grandes museus como o Louvre, o Prado e a National Gallery. Atravessando suas salas, o visitante poderá empreender uma viagem no tempo, passando pelos vários estilos das pinturas e esculturas, viagem que não deve ser perdida.

Praça dos milagres

Da mesma forma como Pisa alardeia o seu “campo dos milagres” com o Duomo, o Batistério e a conhecida Torre pendente, Firenze o faz com a “praça dos milagres”, ou Piazza del Duomo, que alcançaremos partindo da Piazza della Signoria, percorrendo a Via dei Calzaiuoli.

É difícil não sofrer um impacto diante do espetáculo que se apresenta aos nossos olhos: o Duomo (ou Basílica de Santa Maria del Fiore), o Batistério e o Campanário de Giotto formam um conjunto arquitetônico com uma proporção de distâncias e medidas que nos deixam sem palavras.



Fototeca Enit

A Ponte Vecchio é a única que sobreviveu à II Guerra. Por ali é proibida a passagem de automóveis



Fototeca Emi

A Piazza della Signoria é o coração de Firenze. É ali que está o Palazzo Vecchio, construção de 1298 e sede do município

O Duomo – com o projeto elaborado desde o fim do século XIII por Arnolfo di Cambio, e com a cúpula de Brunelleschi – é a prova viva da arte gótica e do primeiro momento do Renascimento italiano. O seu interior, dividido em três naves, é privado de elementos decorativos, revelando-se grandioso e sóbrio na pureza de suas formas arquitetônicas, e representando a expressão mais evidente do gênio artístico florentino com seus famosos vitrais dos séculos XIV e XV. No Batistério em forma octogonal (que Dante cita no canto XIX do “Inferno” de sua *A Divina Comédia*), o que chama a atenção e desperta admiração são as três portas em bronze com quadros representando episódios do Velho e do Novo Testamento. Uma delas, pela sua beleza, foi classificada pelo próprio Michelangelo como digna de ser do “Paraíso”.

Fim da viagem

Ainda há, no entanto, outras joias para aproveitar em Firenze: a Santa Croce, por exemplo, grande igreja franciscana, panteão dos grandes italianos,



Fototeca Emi

A Santa Maria Novella, em frente à estação de trem, contém elementos românico-góticos e renascentistas

como Michelangelo, Foscolo, Machiavelli e Ros-sini. Não poderíamos também nos esquecer da Basílica de San Lorenzo, com sua Sacrestia Nuova, obra de Michelangelo, com a parede destinada aos sepulcros de Lorenzo e Giuliano de’ Medici, decorados com as quatro alegorias das quais falamos no início.

Mereceria uma visita, mesmo que rápida, a igreja de Santa Maria Novella, uma verdadeira página da história da arquitetura, com a parte superior no estilo românico-gótico, e a inferior, renascentista.

Para terminar em verdadeiro estilo florentino, vale a pena dar um passeio pelas ruas da Firenze medieval, deixando livre a nossa fantasia. O ambiente que encontraremos será tão sugestivo, que poderemos visualizar, nas pessoas que aqui circulam, Michelangelo, Brunelleschi, Petrarca, Boccaccio e tantos outros que nesta cidade viveram em séculos passados, mas que continuam vivos no presente, nas obras que deixaram.



CONHEÇA O MUNDO MÁGICO DO

PEEKABOO

E SUAS NOVIDADES !!!

Unidade Jardins
Rua Manuel da Nobrega, 498
Jardins Tel.: 3051-7828

JARDINS

- Elevador Discovery
- Discoteca Completa
- Cama Elástica
- Barco Vicking
- Carrossel
- Air Boy
- Trem Bala
- Super Parede de Alpinismo
- Games (jogos em rede)
- Super Brinquedão com área baby
- Lanchonete Infantil
- Palco com Camarim
- Casinha do Macaco
- Dardo Eletrônico
- Máquina de Dança
- Área Zooopa
- Painel Temático com sons de bichos
- Super Tombo
- Street Ball
- Miniquadra de Futebol *EM BREVE*
- Autorama
- e muito mais...



Unidade Higienópolis
Rua Bahia, 764 Higienópolis
Tel.: 3661-7640

HIGIENÓPOLIS

- Barco Vicking
- Games / Air Boy
- Máquina de Dança
- Mono Rail
- Cama Elástica
- Área Teens
- Lanchonete Infantil
- Casinha do Macaco
- Parede de Alpinismo
- Carrossel
- Dardo Eletrônico
- Games (jogos em rede)
- Super Brinquedão com área baby
- Super Tombo
- Espelho Mágico
- Street Ball
- Snow Board
- Miniquadra de Futebol *EM BREVE*
- Simulador Wii Play *EM BREVE*
- Autorama
- e muito mais...



MOEMA

- Simulador Wii Play
- Simulador última geração (12 jogos)
- Games última geração (1300 Jogos)
- Super Brinquedão com área baby
- Parede de Alpinismo Eletrônica
- La Bamba - super novidade
- Lanchonete Infantil
- Camarim de Fantasias
- Elevador Discovery
- Casinha de Boneca
- Carrossel
- Dardo Eletrônico
- Cama Elástica
- Roda Palhaço
- Lan House
- Super Tombo
- Street Ball
- e muito mais...



Unidade Moema
Av. Moema, 414
Moema Tel.: 5051-1818

Cardápios diferenciados

**Criamos
lembrancinhas
personalizadas**

**Menu Kacher
Menu Japonês
Menu Árabe
e outros...**

**Estacionamento
com manobrista**



ITAIM

- Games última geração (1300 jogos)
- Simulador Wii Play
- Simulador última geração (12 jogos) *EM BREVE*
- Lan House *EM BREVE*
- La Bamba - super novidade
- Boliche Eletrônico
- Cama Elástica
- Games / Air Boy
- Super Brinquedão com área baby
- Lanchonete Infantil
- Casinha de Boneca
- Máquina de Dança
- Vitrine Animada
- Carrossel
- Super Tombo
- Street Ball
- e muito mais...

Unidade Itaim

Rua Dr. Alceu de
Campos Rodrigues, 174
Itaim Bibi Tel.: 3845-3006

www.buffet Peekaboo.com.br

O caminho da consciência

Por Silvana Leporace – Coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Colégio Dante Alighieri

No ano do centenário de nosso Colégio, muitos nomes de ex-alunos que se destacaram no cenário nacional e internacional surgem na nossa memória, bem como suas contribuições. Mas o que aguçava nossa curiosidade é pensar nos princípios que nortearam nossa instituição desde a sua fundação ou mesmo antes, lá na idealização da escola para atender imigrantes italianos, quando, apesar disso, já imprimia o caráter laico de acolher a todos.

Examinando a proposta pedagógica desde a sua fundação, podemos verificar a seriedade, a proposta consistente para o desenvolvimento intelectual dos alunos, assim como a preocupação com a formação integral dos educandos.

Com o passar dos anos, feições como a rigidez disciplinar, a figura do professor como o detentor do saber, foram modificadas, mas alguns princípios se convervam na base do trabalho do Colégio, como a excelência no ensino, a organização, a disciplina trabalhada por meio do diálogo e da reflexão com os alunos, conscientizando-os dessa necessidade para o desenvolvimento do trabalho pedagógico e para a convivência respeitosa entre os pares, sensível às diferenças, pois a escola sempre foi e sempre será o grupo que proporciona esse conhecimento e essa vivência.

As relevantes mudanças sofridas por nossa sociedade, o acelerado desenvolvimento tecnológico dos últimos anos, as novas maneiras de pensamento sobre o saber e o processo pedagógico, têm se refletido nas ações dos alunos e professores, que precisam buscar novas formas didáticas e metodológicas no processo de ensino-aprendizagem. Os novos tempos exigem que o aluno desenvolva um conjunto de

competências essenciais para saber buscar, ser curioso, construir conhecimento a partir do que faz, para conseguir buscar informações confiáveis.

Sendo assim, o ensino tornou-se muito mais dinâmico, colocando o aluno como protagonista da sua aprendizagem, e o professor, com sua experiência e conhecimento, como orientador da aprendizagem, oferecendo estratégias diferenciadas para que a aprendizagem significativa ocorra. A escola, então, é vista como gestora do conhecimento.

E, esse perfil de aluno, temos certeza de que estamos formando, graças à reflexão conduzida

pela equipe pedagógica de excelência que nossa Escola possui.

Nós nos atualizamos constantemente, sem porém abandonar valores básicos que acreditamos serem primordiais na formação escolar, e sabemos que nossos alunos fazem a diferença no atual mercado de trabalho, tanto pela sua formação pedagógica, quanto pela sua postura como pessoa nos desafios do dia a dia.

Citando o grande educador Paulo Freire, acredito que o nosso grande objetivo vem sendo

cumprido nos nossos cem anos de existência:

“Educação é o caminho pelo qual homens e mulheres podem chegar a tornar-se conscientes de si próprios, de sua forma de atuar e de pensar, quando desenvolvem todas as suas capacidades considerando não apenas eles mesmos, mas também as necessidades dos demais.”

Parabéns ao Colégio Dante Alighieri, e que continue formando gerações e gerações de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

“Nós nos atualizamos constantemente, sem porém abandonar valores básicos que acreditamos serem primordiais na formação escolar”

Gostosuras especiais para momentos inesquecíveis



Os doces, cupcakes e chocolates do Atelier Christiane Ferr agradam aos sentidos e confortam a alma. Aliando o uso de ingredientes cuidadosamente selecionados com técnicas gourmet, nossas delícias são elaboradas com o carinho que você, sua família e seus convidados merecem.

O Atelier Christiane Ferr prepara artesanalmente gostosuras que transformam festas e eventos em momentos absolutamente inesquecíveis! Afinal, nossa missão é adoçar a boca e o seu coração.

Tortas – Cheesecakes – Savarin – Tartelletes - Madeleines – Financier – Mendant
Trufas - Gingerbread – Cookies - Macarron – Eclair – Torres de Cupcakes – Verrines
Cocadas – Brigadeiro – Quindim – Bombocado - Bolos de fubá Gourmet
Bolo Souza Leão - Dedos Brasileiros (mini éclair) - Mini compotas



Cupcake & Co
A Confeitaria Artesanal

<http://www.cupcakeandco.com.br> <http://www.christianeferr.com.br>
Fone: (11) 3564-8727



Um quarteirão inteiro para a instituição



O Colégio ocupa todo um quarteirão para dar conta de abrigar os seus mais de 4 mil alunos. Nas fotos aéreas, é possível perceber algumas das principais diferenças que se estabeleceram ao longo dos anos. Em 1953, como se pode ver na foto acima, a escola ainda tinha um campo de futebol, que hoje corresponde ao espaço das quadras. Era ali que os alunos praticavam



esportes e apresentavam seus números especiais para eventos como a abertura das olimpíadas internas – até hoje, esse espaço é reservado para as mesmas atividades.



*Outros cookies saem dos livros de receitas.
Os nossos, dos livros de memórias do Sr. Bauducco.*



*Da familia Bauducco
para a sua família.*



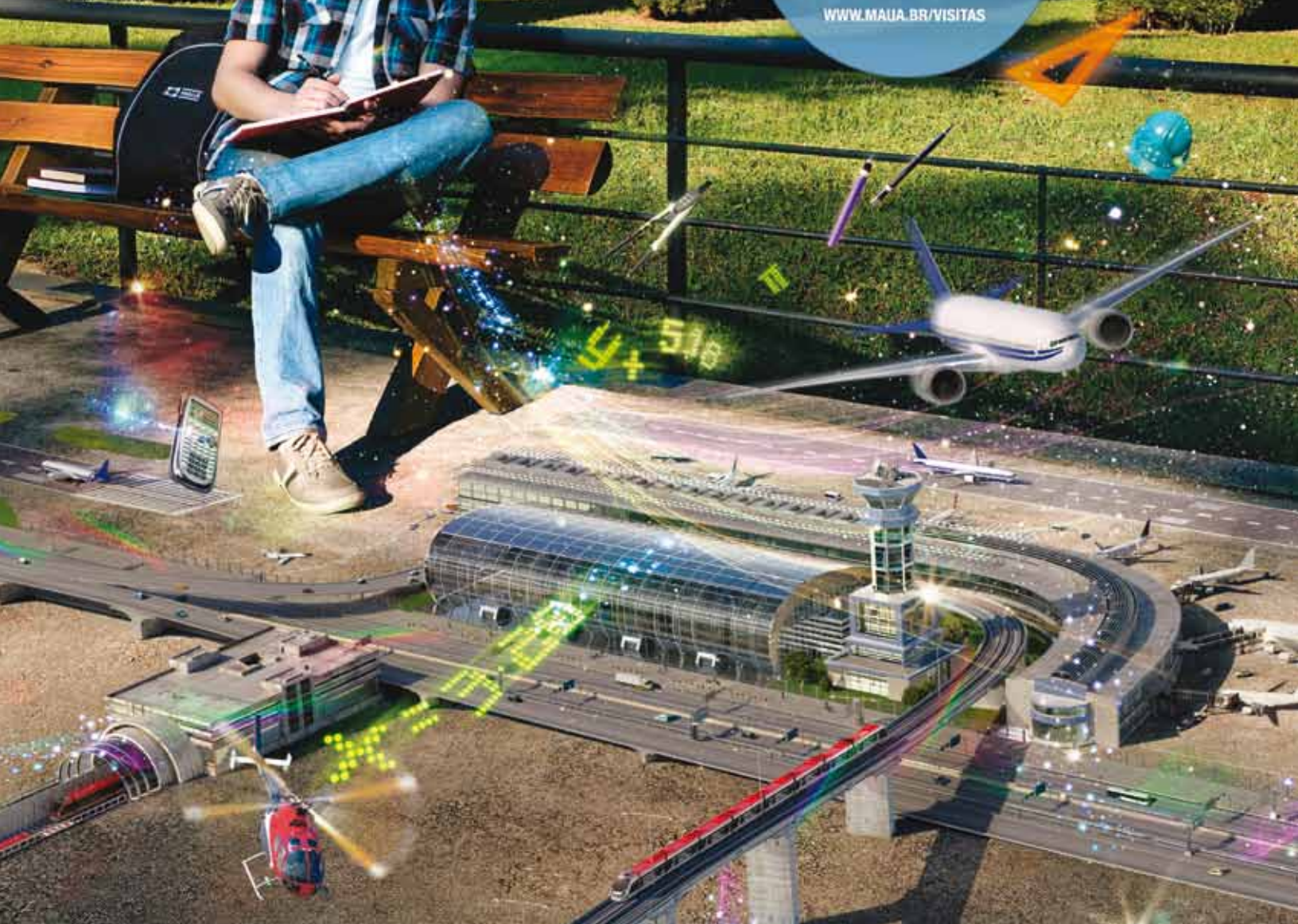
Escreva aqui o nome de São Carlos em São

www.maua.br

VESTIBULAR 2012 PROVA: 29 DE OUTUBRO

AGENDE UMA VISITA
E CONHEÇA MELHOR OS CAMPI
E TODA A INFRAESTRUTURA
QUE A MAUÁ OFERECE.

WWW.MAUÁ.BR/VISITAS



Administração • Design do Produto

Engenharia: • Alimentos • Civil • Controle e Automação • Elétrica
• Eletrônica • Mecânica • Produção • Química

INSTITUTO MAUÁ DE TECNOLOGIA



AQUI VOCÊ PODE TRANSFORMAR O MUNDO.